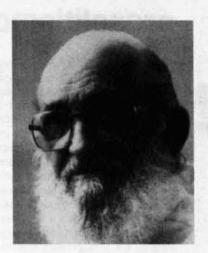


ANO VII . Nº 37

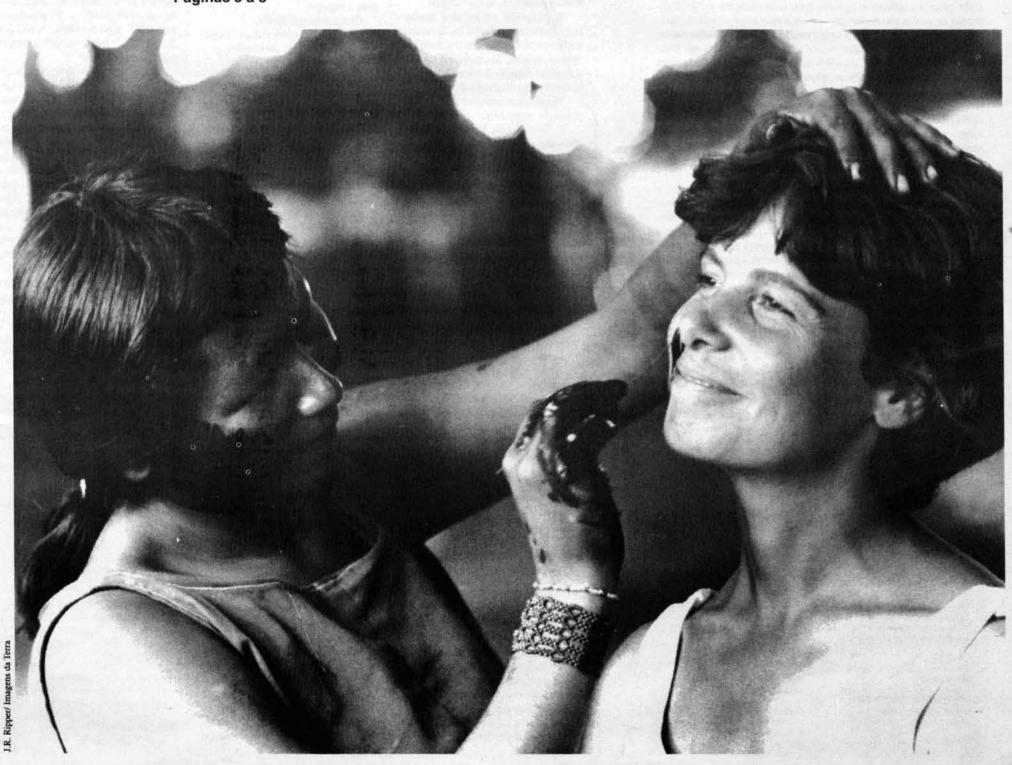
O pedagogo da esperança

No dia 2 de maio, faleceu Paulo Freire, importante pensador no campo de educação popular. O teólogo alemão, Konrad Raiser, secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas, a quem Freire assessorou, presta uma homenagem ao educador. Página 12



Missão é partilha

Páginas 5 a 8



Muito além do proselitismo

Sempre que se ouve falar em missionário, a primeira imagem que surge é a daquela pessoa, geralmente homem, que sai de sua terra de origem, sozinho ou acompanhado da família, e vai para um lugar diferente disseminar o Evangelho ou mesmo fundar igrejas. Nossa história evangélica está recheada de exemplos, como os metodistas, batistas e presbiterianos, principalmente, cujo trabalho teve início no Brasil graças a missionários que aqui chegaram a fim de estabelecer raízes denominacionais. Na Igreja Católica, os jesuítas e outras ordens religiosas também constituem exemplos claros dessa dimensão missionária.

Com algumas exceções — que existiram e continuam a existir —, por diversas vezes a tarefa de fazer missão não significou benefícios ao público alcançado pela mensagem. Ao contrário, resultou em perseguições, mortes, genocídio cultural e mesmo destruição de valores religiosos considerados "bárbaros" pelos missionários — os povos indígenas que o digam.

No processo de evangelização, empreendido por certas igrejas evangélicas hoje, a tarefa missionária, muitas vezes se apresenta extremamente proselitista e exageradamente conversionista, talvez justificada pela compulsão ao crescimento numérico. O resultado da missão é medido em termos unicamente quantitativos e o missionário é avaliado nessa perspectiva.

Missão, com certeza, é mais do que isso. Em um mundo marcado pelo pluralismo religioso, com o surgimento e fortalecimento de novos movimentos — com a reemergência da religiosidade indígena e afra —, a única saída bíblica e teologicamente responsável é a cooperação ecumênica, defende o teólogo luterano e presidente do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai), Walter Altmann. Para o pastor metodista Ruy Josgrilberg, "a Igreja abre-se a uma nova abrangência de pessoas, de culturas, de expressões de fé, e não há mais espaço, dentro de uma fidelidade viva e consciente, para o proselitismo". Ele vai mais longe: a evangelização implica em uma nova atitude, isto é, assumir o diálogo com outras expressões religiosas. "Deus não condiciona sua graça a nenhuma pureza religiosa prévia", destaca.

Tudo isso motiva CONTEXTO PASTORAL a refletir sobre o tema, tão atual e provocador. Além de duas análises interessantes, são apresentados diversos depoimentos sobre de que forma e onde a missão se dá. Acreditamos que ela acontece em todos os lugares e momentos em que a Palavra de Deus é anunciada, o que pressupõe a denúncia dos valores antivida imperantes em nosså realidade, e o anúncio da justiça, da esperança, da igualdade e da solidariedade, sinais inequívocos da presença divina. Boa leitura!

Contexto PASTORAL

Publicação bimestral de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço

Número 37 Março/abril de 1997 Ano VII

Rua Santo Amaro, 129 22211-230 Rio de Janeiro/RJ Tel. 021-224-6713 e fax 021-221-3016

CONSELHO EDITORIAL José Bittencourt Filho Lúcia Leiga de Oliveira Tânia Mara Sampaio Rafael Soares de Oliveira

EDITOR Paulo Roberto Salles Garcia (MTb 18.481)

EDITORES ASSISTENTES Jether Pereira Ramalho Magali do Nascimento Cunha DIAGRAMADORA Anita Slade

DIGITADORA Mara Lúcia Martins

FOTOLITO E IMPRESSÃO Tipológica Comunicação Integrada

Tiragem 10 mil exemplares

Preço do exemplar avulso R\$ 3,00

Assinatura anual R\$ 12,00

Assinatura de apoio R\$ 18,00

Exterior US\$ 18.00

não refletem necessariamente a opinião do jornal.





Projeto gráficoeditorial

A mudança gráfica transformou o CONTEXTO PASTORAL de um jornalzinho descartável num periódico mais durável. Suponho que com isso mude também a atitude do leitor que transfere a leitura do banheiro para a mesa de estudos.

A proposta editorial é muito boa. Tanto em relação às diversas seções (opinião, entrevista, análise, debate, bíblia, liturgia, idéias,...) como em relação à intenção de favorecer a participação dos leitores.

Tenho duas críticas a fazer, ou digamos, sugestões:

Em relação à arte. Os desenhos são muito cafonas. São "anônimos", devido a estereótipos ultrapassados.

As fotografias também não adicionam nada: aquelas platéias conhecidas ou grupinhos de debate. Só valem para as pessoas retratadas nelas. Seria interessante ter uma arte que ilustra e ilumina com vigor próprio, visão própria, linguagem própria de um artista que por isso não deixa de sintonizar com a linha editorial.

2. Em relação aos conteúdos. Penso que nós cristãos sofremos de um maniqueísmo de bons e maus. Claro que nós somos os bonzinhos ou estamos com eles, sempre vítimas, crucificadas pelos maus. É uma melodia básica das nossas análises e visões, nas quais só muda a letra. Do binômio pobre e rico para empobrecido e opressor e, ultimamente, para excluído e neoliberal. Não nego as mudanças na realidade socioeconômica que justificam esta terminologia. Critico a eterna ladainha de lamento e a visão unilateral que só fazem paralisar o restinho de esperança que a gente talvez ainda tenha. Parece até que é um canto mais de homens do que de mulheres (conferir os autores na bibliografia indicada).

Para mudar isto valem a última parte do artigo de Claudio Ribeiro e a linguagem poética e visão de Milton Schwantes que a meu ver procuram enxergar o poder das pessoas expresso no seu cotidiano e o potencializam em intervenções diversas.

Roberto van der Ploeg Olinda/PE Foi uma surpresa e tanto receber CONTEXTO PASTORAL com nova cara e comunicação mais aprimorada. Quero parabenizar a equipe pela boa qualidade jornalística que inclui o estilo da apresentação. As ilustrações, como aquela que foi usada na capa (janeiro-fevereiro/ 97), são bastante sugestivas, a ponto de despertar o interesse das pessoas pouco habituadas à leitura, enquanto que para outras elas reacendem o imprescindível senso de humor. As sugestões para celebrações são ótimas, desde que cheguem com antecedência.

Quem vive na Amazônia e gosta de partilhar "as boas" coisas com outras pessoas, costuma guardar o CONTEXTO PASTORAL, para servir de subsídio aos agentes das mais diversas igrejas. Guardar papel, porém, é extremamente difícil quando a umidade é constante e o apetite dos eternos cupins tem uma predileção por papel reciclado, do tipo jornal comum. O tipo de papel usado agora é bem resistente e acredito que vai facilitar a conservação.

Com um grande abraço para toda a equipe,

Rosa Marga Rothe Instituto Universidade Popular – UNIPOP/ Belém/PA

Clonagem

Nos últimos dias em todos os lugares podem-se ouvir comentários sobre as recentes experiências de clonagem de seres vivos. Tornouse afamada no mundo inteiro a ovelha Dolly. Essa ovelha é resultado do processo de clonagem feita pela equipe do Dr. Ivan Wilmut, da Escócia.

O que, afinal, é clonagem? No dicionário Aurélio lemos a seguinte explicação suscinta: "Introdução de um fragmento do material genético de uma célula em outra célula que passa a possuir e a multiplicar a informação genética contida no fragmento introduzido."

Fato é que esta experiência bem-sucedida da colagem de uma ovelha, de um ou de outro modo, mexeu com todo mundo. Muita gente ficou perplexa. Crentes de todos os matizes ficaram extremamente assustados. Será o ser humano capaz de produzir cópias dele mesmo? Deus é o Criador, Exclusivamente ele! Isto é confissão central de fé. E agora? Outros logo imaginaram a clonagem de homens e mulheres especialmente bonitos e importantes. E a possibilidade de produzir ditadores em série? Outra coisa: Finalmente será possível conseguir raças humanas puras. Conhecemos esse sonho e seus resultados! Jornais publicaram pesquisas de opinião sobre quais as personalidades do mundo da política, da ciência, do esporte e da arte que o povo gostaria de ver clonadas. E quais as figuras de destaque que jamais deveriam ter cópia alguma. E ainda, isso não podia faltar, surgiram muitas anedotas em torno do

Todo esse alvoroço é compreensível. Quando se mexe com a vida humana, acontece, ainda bem, um estremecimento geral. Vieram as reações: A Organização Mundial de Saúde (OMS) diz que clonagem humana é inaceitável do ponto de vista ético. O Parlamento Europeu defende a mesma posição, o Papa manifestou sua preocupação e conclamou os dirigentes dos países do mundo inteiro a proibirem a clonagem de seres humanos. No Brasil fazer cópias de seres humanos - mesmo nos laboratórios mais sofisticados e com todas as condições de saúde e segurança está proibido e pode até dar 20 anos de prisão.

Mas, o que temos a dizer como igrejas? O Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC) ainda não fez um pronunciamento oficial. Arrisco, no entanto, uma provisória posição pessoal.

 Não há razão para desespero. Deve-se ter em mente que a ciência, através desse processo, pode cooperar na busca de alternativas para aumentar a oferta de alimentos para o futuro. Alcançar melhoramento genético de plantas e animais é algo positivo. A técnica da clonagem pode ser útil também para fins médicos.

2. Devemos buscar o diálogo com a ciência para que não façamos afirmações precipitadas e irresponsáveis. Podemos, neste diálogo, contribuir para formular critérios éticos a fim de que a ciência seia realmente colocada a serviço da vida. "O avanço da biogenética urge que seja acompanhado por avancos da biotécnica" (Dom Demétrio Valentini, CNBB). Jesus Cristo veio ao mundo para que todos tenham vida e a tenham em abundância (Evangelho segundo João, cap. 10). Devemos, como igrejas, alertar os cientistas para a obrigação que têm de colocar os avanços das suas descobertas a serviço da vida em abundância.

 É necessário, sempre de novo, reafirmar que Deus é o Criador. O ser humano não passa de cocriador criado.

No meu entender, as igrejas do CONIC devem ter a serenidade de ver os aspectos positivos da técnica da clonagem para a humanidade, mas ao mesmo tempo, dizer um sério e decidido "não" à clonagem humana.

Ervino Schmidt

Secretário-executivo do CONIC Brasília/DF

Aos leitores

Este espaço é destinado para opiniões, críticas, sugestões e reações aos artigos e matérias publicadas pelo jornal. Participem! As cartas para CONTEXTO PASTORAL devem ser endereçadas para: Rua Santo Amaro, 129, Glória, 22211-230, Rio de Janeiro, RJ. Internet: koinos@ax.apc.org.

Por uma nova aliança entre o homem e a natureza

ENTREVISTA COM LEONARDO BOFF Por Jether Ramaiho

È preciso um novo estado de consciência dos humanos de que eles são parte e parceia da natureza para que se construa uma relação de benevolência, de solidariedade e de amor à Terra. A opinião é do teólogo, professor e escritor Leonardo Boff. Nesta entrevista, ele aposta na religião como saída para "ajudar o ser humano a ser sensível, misericordioso, terno e fraterno com todos os seres do universo e uns para com os outros"

Muito se fala sobre desenvolvimento sustentável. Esse conceito, em sua opinião, é sustentável?

A expressão desenvolvimento sustentável mais confunde do que esclarece, porque mascara a contradição presente nas próprias palavras. De que desenvolvimento e de que sustentabilidade se trata? A categoria desenvolvimento é tirada do campo da economia. Não de qualquer economia mas da economia imperante que é capitalista. Na verdade, dever-se-ia chamar de crescimento linear, cumulativo de bens materiais e serviços sem consideração maior dos custos sociais e ecológicos. Produz desigualdades sociais, desequilíbrios ecológicos, pobreza espiritual e má qualidade de vida . A sustentabilidade é tirada da biologia, da cosmologia e da ecologia. Ela dá conta da rede da interdependência, associação e cooperação que vigora entre todos os seres vivos e inertes. Mais que a competição enfatizada por Darwin é a cooperação a marca básica da vida. A sustentabilidade deriva do equilíbrio dinâmico que a teia das relações cooperativas estabelece. Unir os dois conceitos que se contradizem não ajuda a entender um processo de produção de bens para a vida que não deve sacrificar o capital natural e impossibilitar às gerações futuras de satisfazerem adequadamente suas necessidades e preferências.

Onde ficam os valores na discussão do desenvolvimento sustentável?

A questão dos valores emerge quando se coloca a seguinte pergunta: Que imagem de ser humano de sociedade e de futuro queremos construir com o desenvolvimento? A imagem do ser humano subjacente ao projeto desenvolvimentista da modernidade é miserável. É a do homem puramente produtor e consumidor de bens materiais. Nele não há coração, não há compaixão, não há sentido de solidariedade, não há sensibilidade para captar a mensagem que vem do universo, do fundo dos olhos de uma criança e do desejo mais profundo do coração humano. Logicamente esses valores pertencem à urdidura da existência e de uma forma ou de outra se realizam na vida pessoal e social. Mas a sociedade não se organiza ao redor deles nem cria condições materiais e espirituais para que eles possam ser vividos. Precisamos alargar o horizonte da antropologia e articular os três eixos básicos que dão sustentabilidade ao ser humano, a saber, sua dimensão física, sua dimensão psicológica e sua dimensão espiritual. Daí resulta uma sociedade humana que permitirá o ser humano brilhar e viver como filho e filha da alegria e não como um prisioneiro do vale de lágrimas.

Fala-se muito na crise dos paradigmas. Quais seriam os fundamentos de um novo paradigma?

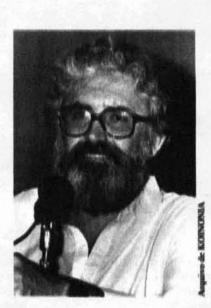
Seriam muitos. Enfatizo apenas um, a capacidade de religação. Ou nos religamos uns aos outros, entendemos o universo como uma teia de ligações complexíssimas, a natureza como um tecido de sutis conexões onde tudo tem a ver com tudo em todos os momentos e circunstâncias e a sociedade dos humanos a ser construída sobre redes de relações em todas as direções ou então poderemos conhecer o destino dos dinossauros desapareceram por incapacidade de relacionar-se com uma situação mudada. Desta capacidade e necessidade de relação e religação nascerá uma compreensão renovada da "re-ligião", como aquela instância do humano que acumulou uma experiência milenar de tudo religar com a suprema Realidade e assim criar um sentido globalizador da vida e do universo.

O senhor defende um novo paradigma civilizacional, baseado na aliança entre o ser humano e a natureza. Como se daria esta aliança?

Ela se dá mediante um novo estado de consciência dos humanos, de que eles são parte e parcela da natureza; melhor, de que nós somos filhos da Terra; melhor ainda, de que somos a própria Terra que em nós e por nos chegou ao nível da consciência reflexa, da comoção, do pensamento, da amorização e da veneração. Todos os novos conhecimentos das ciências da Terra reforçam esta nova consciência. O processo de mundialização é a perspectiva interiorizada de ver a Terra de fora da Terra (a visão dos astronautas, espalhada pela mídia em todos os cantos) e mesmo o perigo de um enfarte ecológico secundam a emergência deste novo estado de consciência. Ela oferece a base para construirmos uma relação de bene-



Mais que a competição enfatizada por Darwin é a cooperação a marca básica da vida



Resgatar o numinoso é condição indispensável para impormos limites à vontade de poderdominação da modernidade

volência, de solidariedade e de amor à Terra. É a nova aliança dos filhos e filhas outrora rebeldes e no exflio com sua Terra-pátria-mátria comum.

Como se poderia colocar um limite ao poder? Não são imperativos categóri-

cos, leis punitivas ou sistemas de controle que vão frear a voracidade do poder. Ele é habitado por um demônio que faz com que o poder queira sempre mais poder. Duas coisas o limitam: a autodestruição e a força do numinoso. A autodestruição é o limite evidente. O instinto de autopreservação é o poder-raiz e con-dição da possibilidade para todos os demais poderes. Mas há no ser humano uma instância que também é poder mas de outra natureza, avassaladora, pois se impõe a todos de forma irresistível. É a força do numinoso. O numinoso é aquela irrupção da paixão, de sentido, de luz, de atração, de fogo interior que ninguém pode resistir. Vulcanicamente irrompe em alguém a paixão pela pessoa amada. A consciência muda de estado e a pessoa é tomada por um daimon que não o deixa em paz nem no sono nem na vigília. Como dizia o místico sufi, o maior místico do amor, Rumi: quando o amor se me aproxima não durmo de tanta alegria. Quando se afasta de mim não durmo de tantas lágrimas. Ou diante de uma pessoa carismática nos rendemos, mercê da força que sai dela. Os fenomenólogos do numinoso dizem: ele é tremendo e fascinante e tem como efeito a depotenciação de todos os poderes para dar lugar a essa nova força inocente, vale dizer, sem caráter destrutivo mas irresistível. Dessa experiência nasce o encantamento, o entusiasmo, a veneração e o respeito. É Moisés tirando o sapato diante da sarça ardente, é Pedro fascinado por Jesus a dizer-lhe "afasta-te de mim pois sou um homem pecador". Ora, toda a modernidade procurou cercear e até afogar o numinoso. Criou uma sociedade de desencantamento. Ela nos legou a aridez desértica que vivemos atualmente. Resgatar o numinoso é condição indispensável para impormos limites à vontade de poder-dominação da modernidade a partir de uma instância fora desse tipo de poder, a partir da for-ça do numinoso. As religiões tematizaram o numinoso, criaram ritos, símbolos, celebrações e discursos analógicos para que pudéssemos conviver com ele sem morrermos, Elas guardam a chama sagrada do numinoso que está coberto de cinzas em nossa subjetividade pessoal e coletiva. Oxalá elas descubram sua missão histórica de evocarem essa experiência nas pessoas, dar-lhe o nome de nossa veneração, chamála de Deus, de Javé, de Alá, de Tao, de Olorum... e com isso construir-

mos formas de poder inocente, o

menos destrutivas possíveis de nós

mesmos e da natureza e promotoras de atitudes benfazejas de bem-querença, compaixão e de amorização.

O que chamaria de ecologia espiritual?

O ser humano possui uma dimensão física que os médicos, com sua medicina físico-química, cuidam. Temos uma dimensão psíquica que é nosso universo interior de instintos, paixões, emoções, arquétipos, grandes sonhos e visões, objeto da análise e da terapia de nossos psicoterapeutas. E finalmente possufmos uma dimensão espiritual que é a capacidade de o ser humano captar valores, elaborar sentidos, projetar visões de totalidade do universo, da história e de si mesmo, capacidade de ouvir as mensagens que nos vêm de todos os lados, principalmente de profundidade de nosso coração. Tudo fala e está cheio de informações e mensagens. Quem as escuta? O ser humano é aquele ser singular que pode decifrá-las, interiorizá-las. Ele é capaz de se interrogar sobre o que se oculta por detrás de todos os fenômenos e do inteiro universo. Ele se pergunta pelo Ser. O obscuro objeto de seu desejo radical não é isso ou aquilo, é o Ser supremo. Eis o nome de Deus que se revela não como abismo mas como um útero infinito de ternura e de amor. Rezar é mergulhar na fonte onde Ele se comunica. Rezar pelos outros é religá-los nesta mesma fonte para que se levantem e se curem. Importante é articular estas três dimensões, física, mental e espiritual. Ele sentir-se-á mais realizado e sintonizado com a sinfonia do inteiro universo.

Como a religião pode ser responsável pela perdição ou pelo resgate e salvação da Terra?

Estimo que a religião possui hoje uma missão salvacionista fundamental. Cabe a ela alimentar a lamparina sagrada do Numinoso. Cabe a ela despertar a brasa interior recoberta das cinzas da distração, da indiferença, do consumismo e do materialismo. Pertence a ela a ousadia de dar nome a esse Fogo interior. Ele se chama Deus, Javé, Espírito Criador, Olorum, Alá, Tao.... não importam os nomes, mas a sua realidade presente. Se lograr cumprir essa missão ela ajudará o ser humano a ser sensível, misericordioso, terno e fraterno para com todos os seres do universo e uns para os outros. Então a Terra não será apenas natureza, mas Criação, expressão da superabundante Energia que é Deus, Aquele Amor que, consoante o poeta maior dos italianos, Dante Alignieri, move o céu, as estrelas, a terra, todos os seres e o nosso próprio coração. A Terra terá futuro porque é amada por Deus e é parte de seu Reino total.

Contexto Pastoral Debate

É válida a ação do Movimento Sem-Terra (MST)?

A pressão social do MST funciona

Dom Orlando O. Dotti

A Comissão Pastoral da Terra (CPT), como presença profética, solidária, ecumênica e amorosa ao lado dos pequenos da terra, por meio de seus agentes e trabalhadores rurais, relaciona-se com muitas outras entidades comprometidas com a luta no campo. Tal presença irrenunciável, insubstituível e nãofinanciável é o grande "serviço" da CPT, que no dia-a-dia de sua atividade se desdobra em múltiplos outros "serviços" concretos. À luz da fé, a CPT anima, une, articula, questiona, fortalece a esperança, e aponta para o sonho, a utopia e o Reino. Em força desse compromisso, a CPT está próxima do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), guardadas as especificidades, o direito à crítica mútua e o respeito.

Hoje, o MST trabalha com os conceitos de "ocupação" e de "invasão" de terras. A ocupação é a tomada de posse de terras "desocupadas" ou não cultivadas (também ditas improdutivas), pertencentes ao Estado ou a particulares. Pela prática se constata que a ocupação acelera o processo da reforma agrária. É quase um atalho que se oferece ao Incra para agilizar a burocracia da desapropriação, e em outros casos para fugir à imprecisão e ao casuísmo dos parâmetros de produtividade que determinam a suscetibilidade da desapropriação.

Quanto à invasão que se caracteriza essencialmente pela tomada de terras produtivas, o MST afirma que é praticada pelos latifundiários, invadindo terras de posseiros ou indígenas. Adonam-se de terras devolutas com a conivência do Estado, ou até como concessão do

Estado em troca de apoio político ou a pretexto de desenvolver projetos agrícolas de prioridades regionais. Os incentivos fiscais aos grandes projetos, a maioria dos quais não saíram do papel, foram a forma mais comum de invasão, por muitos caminhos, das terras de-

O direito de propriedade no Brasil sempre foi tido como sagrado. Acima do direito à fama e à honra. Acima do direito à vida. Nunca se confrontou o direito de propriedade com o direito à propriedade. Santo Tomás e depois o Concílio Vaticano II afirmam que em extrema necessidade as coisas são comuns ou de quem delas precisa para salvar sua vida. O papa João Paulo II, no México, cunhou a famosa frase:

"Sobre toda a propriedade privada pesa uma hipoteca social". A Constituição brasileira enquadra a propriedade privada dentro de uma série de condicionantes, dentre eles, a maior, sua função social. O espírito do Evangelho põe a vida acima de todos os bens terrestres. Ora, isso tudo não vem justificar o caos sobre o direito de propriedade dos bens, mas também não legitima a propriedade privada fora do enquadramento jurídico e ético a que está submetida. Não se legitima principalmente a escandalosa concentração de terra no Brasil.

Na ótica do acima exposto, podemos dizer que a estratégia de pressão social exercida pelo MST para acelerar a reforma agrária funciona. Mais de 90% dos assentamentos foram feitos em terras "ocupadas" ou amea-

to teres lar.

I.R. Ripper Tanto no ca vas quanto improd dade seja fruto de

çadas

pelos

de ocupa-

ção

sem-terra. Feitos alguns reparos circunstanciais nessa estratégia, ela só deixará de ser correta quando o governo tiver um projeto de reforma agrária global e drástico, como supõe o próprio conceito de reforma agrária. Essa estratégia de pressão social questiona a própria estrutura fundiária brasileira e aponta para uma nova relação entre a terra e o trabalhador rural e

Dom Orlando O. Dotti é bispo de Vacaria (RS) e presidente da Comissão Pastoral da Terra (CPT).

para uma nova ordem fundiária.

Dentro da lei, sim; na "marra", não

Dom Amaury Castanho

Antes de avaliar a forma de pressão social que o MST tem adotado, é importante fazer a distinção entre terras não-produtivas, terras produtivas e terras devolutas. A terra foi feita para ser trabalhada pelo homem, é o que se lê no Gênesis, primeiro da Sagrada Escritura. Portanto, terra improdutiva, apenas "estocada" para efeito de futura exploração imobiliária, pode e deve ser desapropriada pelo Governo e distribuída a quem vive ou deseja viver cultivando-a para benefício de sua família e da sociedade. Isso vale até mesmo para possíveis (existem?) terras improdutivas da Igreja. O direito à vida vale muito mais que o direito à propriedade, em especial a que não tem destinação social. O Criador não fez "céus e terra para alguns" mas

para todos Terra produtiva de grãos ou de gado a que não está ociosa mas produzindo. Tendo, pois, um sentido social, somente em casos específicos, bem definidos pela lei, poderá ser desapropriada. Por exemplo, quando o bem comum maior o exigir. Isso vale, também, para as propriedades urbanas, mesmo que se trate de imóveis em uso. O bem de todos está acima do interesse e do bem particu-

Tanto no caso de terras produtivas quanto improdutivas, cuja propriedade seja fruto de trabalho ou herança (e não de furto), não se justifica a expropriação que seria furto, proibido pelo sétimo mandamento do Decálogo. Desapropriação é uma coisa. Expropriação é outra. Quem possui tem o direito líquido de ser indenizado quando um interesse maior sobrepuser-se ao menor, particular.

Quanto às terras devolutas penso que devem passar do Estado para os sem-terra, desde que se comprometam a viver nelas e a cultivá-las. Mas mesmo aqui, se o Estado (Federação, Estado ou Município) cultiva a terra e a faz produtiva, ninguém tem o direito de invadi-la. Seria, entretanto, mais fácil e até aconselhável que o Governo a transferisse para particulares, porque a função do Estado não é ser "produtor" mas promotor do verdadeiro bem comum. Estado-Providência... é Estado totalitário, e a pior democracia é melhor que qualquer ditadura.

Em uma democracia as formas democráticas de pressão são normais e legítimas. Entre elas estão as que não colidem com os direitos dos outros, levando as autoridades do Legislativo ou do Executivo a agirem em consonância com as justas aspirações da população e de grupos legitimamente constituídos. Em si os "sem-terra" e o MST são legítimos e têm o direito de pressionar. Não o de invadir propriedades agrícolas ou outras. Não convence a não ser aos tolos afirmar que o MST está "ocupando" e não "invadindo". Ninguém tem o direito de o fazer à margem da lei.

Vale a pena repetir: a reforma agrária, no contexto de uma inteligente política agrária, é necessária e urgente no País — vem tarde. A situação fundiária brasileira é "explosiva". Mas tudo tem de ser feito "dentro da lei" (João Paulo II ao presidente Fernando Henrique Cardoso, em 14 de janeiro de 1997). Na "marra", não. Estamos, felizmente, em uma democracia, na qual toda lei justa tem de ser respeitada.

É claro que o direito à propriedade regulamentado pela Constituição Federal não pode estar acima do direito à sobrevivência de milhares de trabalhadores rurais. É o que sempre defendi, como professor na PUC de Campinas, de 1952 a 1968, o que venho escrevendo em meus artigos semanais e o que pode ser lido em meu livro "Direitos Humanos: Aspiração ou Realidade?" (Ed. Loyola, SP, 1973). À página 31 digo, claramente: "Todo homem tem direito à propriedade, como indivíduo ou como grupo, direito que a sociedade, pela lei, tem de tutelar. Os marxistas não aceitam tal direito. Os liberais e capitalistas o superexaltam, afirmando ilimitado. Os cristãos o afirmam como natural. Em todo caso, o uso do direito à propriedade supõe o respeito aos interesses coletivos, ou, em outras palavras, a propriedade de bens de produção ou de consumo, de bens móveis ou imóveis, é pessoal, mas seu uso deve ser social. Em todo caso, o direito à vida é muito mais fundamental que o direito à propriedade".

A doutrina fundada na Bíblia, nos evangelhos, Doutrina Social da Igreja (= Cristã) é essa. Eu não mudei. Mudaram outros, ao sabor dos ventos.

A estratégia das invasões exercida pelo MST certamente é incorreta, antidemocrática e nada bíblica. A da "Marcha", por exemplo, é perfeitamente legítima. E até impressiona pela sua organização e espírito ordeiro. Pena que o MST, seus líderes, não todos os semterra, sejam marxistas, ideologicamente extremados e partidários de partidos radicalizados que nada têm de "evangélico".

Dom Amauri Castanho é bispo diocesano de Jundiaí (SP), jornalista e autor de 13 livros.

O Espírito Santo contra toda exclusão

Ruy de Souza Josgrilberg

O que significa fazer missão hoje? No momento em que a América Latina se converte em um continente plural, seja no sentido étnico, cultural e religioso, com a afirmação de novos movimentos religiosos e em expressões da religiosidade indígena e afra, o foco da tarefa missionária não pode ser o proselitismo, a conversão nem apenas o crescimento numérico. Um dos desafios é assumir uma postura de diálogo, já que o Evangelho encarna-se em muitas formas culturais. Neste artigo e nos depoimentos que se seguem o tema é abordado sob olhares diferentes a respeito da Missão

A Bíblia testemunha a presença do Espírito Santo como um poder que derruba o que separa e o que exclui, ampliando horizontes, abrindo espaço para o novo e para possibilidades insuspeitadas. O Espírito Santo não faz isso de modo abstrato, mas de forma concreta e abrangente. A concreticidade da ação do Espírito Santo, dentro e fora da Igreja, não pode acontecer sem uma abrangência do mundo. Não é possível a concreticidade sem a abrangência, pois isso é uma abstração.

O texto de Atos 2-5 é tecnicamente "relato de fundação": narra o nascimento e a transformação do movimento de Jesus em Igreja, firmando suas características básicas e sua identidade de fundo. É interessante observar que, sob a ação do Espírito Santo, a comunidade de fé encontra o futuro na medida em que essa identidade se torna abrangente em línguas, culturas, classes sociais, raças, etc, até abranger toda a realidade. A ação do Espírito Santo é parte essencial dessa identidade como solidariedade cada vez mais profunda e abrangente.

A comunidade cristã, ela mesma, nasceu à margem; cresceu e teve "paz" enquanto essa abrangência esteve presente. A ação do Espírito rompeu a barreira dos códigos de pureza que eram estruturalmente excluidores, fortaleceu e encorajou as pessoas que, da margem e da exclusão, movimentaram-se numa solidariedade que abrangia o mundo inteiro.

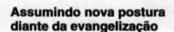
Em Atos 2.1-12, no relato de Pentecostes, o Espírito aparece em sua magnitude agindo concretamente: manifesta-se a pessoas num tempo e num lugar. Só isso não é suficiente para a concreticidade. A ação real e concreta do Espírito Santo aparece no rompimento da barreira de línguas, de culturas, de nações. No livro de Atos, este é o primeiro grande movimento do Espírito contra toda a exclusão.

Rompendo barreiras

No discurso de Pedro, em seguida ao Pentecostes, o texto de Joel 2.2032 é lembrado: o Espírito Santo é derramado sobre toda a carne. Outros tipos de barreiras devem ser destruídas. Filhos e filhas profetizarão; uma inversão, jovens terão visões, velhos sonharão, servos e servas experimentarão o poder. Na abrangência do Espírito o etnocentrismo do profeta Joel é superado. A catolicidade do Espírito é maior e mais profunda que a catolicidade confessional da Igreja.

O Pentecostes dos apóstolos encontra um surpreendente paralelo no Pentecostes dos gentios. Este último é um forte testemunho de que a Igreja foi surpreendida com maior abrangência do Espírito: o Espírito Santo veio aos gentios que ouviram o sermão de Pedro, e os judeus de nascimento espantaram-se de ver como agia também fora do círculo no qual eles mesmos se limitavam (Atos 10.45). Pentecostes é um evento que rompe barreiras, continuamente, em várias direções. Uma Igreja míope não enxerga a abrangência contínua do Espírito e reduz o Pentecostes a uma prática interna.

Em Atos 10.34-35, Deus mostra que não tem favoritos. O texto trata do pedido de Cornélio a Pedro. Pedro é chamado a visitar uma família, a conviver na intimidade de um lar pagão e com pessoas de religião e costumes diferentes, coisa rigorosamente proibida pelos códigos judaicos. Novamente o Espírito intervém, interrompendo discriminações fortemente estruturadas. O Espírito diz a Pedro (Atos 11.12) para ir a casa de Cornélio. Essa ordem do Espírito é precedida pela perturbadora visão de um lençol com animais impuros, exatamente na hora do almoço. Deus diz a Pedro três vezes: "mata e come". A mensagem é clara. Pedro precisa romper uma malha de discriminações que o impede de caminhar na abrangência do Espírito. Ele escuta a voz a lhe dizer "não chameis impuro ao que Deus purificou" (Atos 11.9) e não considereis imundo a nenhum ser humano (Atos 10.28). Deus não aceita cultura preferencial: Ele não tem favoritos. O desfavorecimento proveniente de estruturas egoístas e orgulhosas do ser humano enfrenta a oposição do Espírito.



Esta reflexão sobre Atos dos Apóstolos é um convite a repensarmos a evangelização e a conversão num quadro de referências mais amplo. A Igreja abre-se a uma nova abrangência de pessoas, de culturas, de expressões de fé. Não há mais espaço, dentro de uma fidelidade viva e consciente, para o proselitismo. A conversão é um valor muito mais amplo que qualquer proselitismo. A evangelização, por outro lado, não se limita a pregar o Evangelho às pessoas. Evangelizar significa buscar o reconhecimento do senhorio de Deus sobre a criação. Significa também encarnar o evangelho de Jesus Cristo na história e na cultura. O Evangelho encarna-se em muitas formas culturais. Assim como na Igreia Primitiva, quando inculturouse no mundo pagão, ele deve assumir faces culturais diferenciadas.

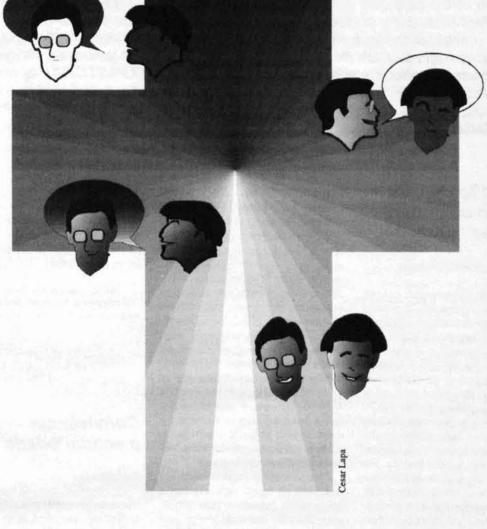
Evangelização, nessa nova e concreta abrangência, implica em uma nova e corajosa atitude: assumir o diálogo com outras expressões religiosas. Devemos superar toda exclusão a priori. A fé cristã, a Igreja, o Evangelho, terão que aprender a conviver, numa tensão paradoxal, em meio a diferentes formas culturais e variadas expressões de fé. Essa tensão a que nos referimos significa

que, sem abrirmos mão de nossa identidade e da mensagem cristã, da qual somos portadores, desejamos conviver em diálogo, buscar um reconhecimento dos valores diferentes ou novos. Recusamos a intolerância, a exclusão ativa e sem autêntico diálogo, que nega a presença de Deus em outras experiências religiosas.

A evangelização perde seu impacto? De modo algum. Mas, nem todo recurso usado na evangelização é legítimo e fiel à Palavra de Deus. A conversão é algo fora de moda? Ao contrário. Mais do que nunca ela aparece como uma ocasião na qual a graça de Deus se encontra ao nosso alcance. Porém, devemos confiar mais na graça de Deus que em nossos modelos de cristianismo, que, às vezes, representam mais muros e preconceitos que abertura às pessoas.

A Igreja perde sua identidade na inculturação? Claro que não. Ela continua Igreja, na riqueza e multiplicidade cultural que observamos no mundo. A igreja que se reconhece no seu caminho não pode abrir mão de sua identidade, de sua mensagem desafiadora e de sua missão como um todo. Mais do que em outras épocas, neste mundo plural a Igreja deve redescobrir sua missão ecumênica e reconciliadora, sem que isso signifique que a necessidade e a importância da conversão sejam atingidas. O que deve mudar é o quadro de referência e nossa atitude diante dele. Mas todos devem reconhecer quem somos, o que pregamos, o que testemunhamos e como o amor de Deus atua em Jesus Cristo no mundo. Não podemos mais abusar do direito de religião contra ninguém. O abuso e o fanatismo em torno a esse direito têm levado o cristianismo e outras religiões a corrupções destruidoras da humanidade.

É nessa convivência e tensão paradoxal, presença das diferenças, das semelhanças, das oposições, do diálogo, que devemos esperar que a ação do Espírito Santo derrube muros e barreiras, abrindo novos caminhos, novas sínteses e mútuo respeito e aprendizado; e que a boa-nova de Cristo apareça em sua luz própria e em sua autonomia como genuína ação da graça de Deus no meio do povo. Deus não condiciona sua Graça a nenhuma pureza religiosa prévia. Basta que a aceitemos. A graça de Deus dispõe de uma misteriosa e amorosa abrangência que surpreende todo farisaísmo religioso. Este é que exclui antes da Graça, e que pretendeu excluir os pagãos e os gentios dessa mesma graça de Deus. Para mudar essa mentalidade, excluidora o Espírito Santo atua derrubando barreiras.



Ruy de Souza Josgrilberg, pastor metodista, é diretor do Instituto de Filosofia e Teologia do IMS (São Bernardo do Campo/SP). 6 Contexto Pastoral Análise

Alguns olhares sobre a Missão

Gente que foi chamada para cumprir uma tarefa missionária fora do País e gente de outro país que veio fazer missão aqui. Gente que teve que "se converter" e mudar a concepção de missão e gente que se identificou com grupos marginalizados e excluídos no processo de evangelização. Esses são alguns ingredientes de depoimentos de pastores e pastoras, religiosos e religiosas, católicos e evangélicos, que CONTEXTO PASTORAL apresenta. O pano de fundo é uma relação de diálogo, parceria, convivência e solidariedade, em que os valores do Reino de Deus estão acima de projetos proselitistas e conversionistas

O desafio do diálogo com outras culturas

Anésia Nascimento de Jesus

Há quase três anos cheguei à Inglaterra. Nos dois primeiros anos atuei num projeto ecumênico chamado Grassroots Programme e que consistia em compartilhar as experiências de fé e vida das igrejas na América Latina, através de seminários, celebrações, etc. Em Luton, onde morei, a diversidade é total: católicos romanos, mulcumanos de várias regiões, sihks e hindus. Numa cidade de 117 mil habitantes há quatro mesquitas, um templo budista, um templo de sihks e outro de hindus, e algumas igrejas cristãs, metodistas, anglicanas e reformadas. A diversidade cultural e religiosa é um fato nas grandes cidades da Inglaterra, mas a maioria dessas pessoas não está acostumada a viver numa sociedade plural. Acredito, por isso, que uma das tarefas das igrejas aqui é contribuir para o convívio, mútuo e pacífico, entre os diferen-

Hoje trabalho como coadjutora numa comunidade ao norte da Inglaterra. Dinnington era até o início da década de 1980 uma das principais áreas de minas de carvão do país. Hoje, não há mais minas e com o desemprego a cidade de 80 mil habitantes vai se tornando fantasma, muitas lojas fecharam, muitos viajam uma hora ou mais para trabalhar. Na igreja, ficaram as mulheres e as crianças.

Há metodistas, anglicanos, católicos romanos e o Exército da Salvação que, juntos, estão definindo novas diretrizes missionárias da região. Hoje as igrejas discutem com a comunidade como melhorar a qualidade de vida da região, que frentes de trabalho podem ser criadas para obsorverem a mão-de-obra mineira, hoje quase inválida. Não há respostas claras, elas só virão na caminhada de vida e fé que as igrejas em Dinnington estão tomando.

Num primeiro momento foi muito difícil me ver numa sociedade tão secularizada, conservadora e clericalista, onde cristãos parecem ser minoria. E somam-se a isso a arrogância de muitos e o desrespeito com outras culturas. Eu me lembro que uma mulher, num encontro, me perguntou como nós, sendo mulcumanos no Brasil, sabíamos ler a Bíblia, tínhamos músicas e hinos compostos por gente nossa, com ritmos nossos. Como parte da mesma arrogância, também encontrei pessoas dizendo: "Ok, as igrejas de vocês crescem mais do que as nossas, em quanto tempo você pode fazer o mesmo aqui?". E quando a conversão em massa não acontece, os "missionários e missionárias" são considerados incompetentes. Felizmente há aqueles que acreditam que se pode criar uma relação mais justa e fraterna. Há muitos que acreditam que a única maneira de se vencer a crise social, eclesial e política é unindo esforços, contribuindo, desafiando, construindo juntos.

Neste sentido é que se encontra a missão da Igreja aqui. Talvez a igreja tenha que adotar uma atitude mais humilde, ser mais aberta para o novo e assumir novos desafios, aprender com outras experiências, respeitar o diferente, deixar-se enriquecer por outras experiências e enriquecer a vida de mulheres e homens de outras culturas.

Na verdade a Igreja é desafiada a viver e a criar comunidade de pessoas sensíveis e maduras em sua fé. Não se pode fugir da pluralidade, pois ela enriquece o testemunho cristão. É na diversidade que Deus se revela, como amor solidário, que respeita e aceita o outro como sendo também — e por que não — manifestação de Deus.

Missão, mais do que comando, deve algo prazeroso. Jesus vive! Ama cada um de nós, é por isso que somos chamados a compartilhar esse mesmo amor. Eis a base de nossa fé.

Missão não é apenas proclamar, mas aprender, entender e discenir os sinais de Deus. Em João 16.12-15 Jesus diz que há muita coisa a aprender. Acredito que seja esta a nossa postura. Missão também é a expressão de esperança. É o amor de Cristo que nos impulsiona, Missão é compartilhar a vida e paixão do Cristo Ressuscitado.

Tem sido uma experiência rica e positiva poder contribuir positivamente para a reflexão de uma igreja que busca continuamente ser presença de Deus na sociedade. Ainda continuo com minhas convicções que nasceram de minha experiência no Brasil, mas também sou capaz de olhar criticamente minha igreja e a

mim mesma como pastora e cristã. Volto ao Brasil em pouco tempo, diferente talvez mas certa de que o ministério cristão é como o caminho de Emaús; aberto às diferenças, ao novo, ao estranho.

Anésia Nascimento de Jesus é pastora da Igreja Episcopal de Comunhão Anglicana e integrou a diretoria de KO-INONIA até abril.

Convivência e solidariedade

Lori Altmann

Nos sete anos que estivemos entre os Kulina, esse povo se revelou de forma gratuita a nós. Assim, foi penetrando em nossa concepção de mundo e de fé, fazendo vir à tona todas as contradições que vivemos como cristãos. A maior delas era a do discurso com a prática. Esse povo foi crescendo diante de nós e se mostrando como outro diferente em toda a sua totalidade.

Surpreendentemente, o conhecimento do diferente e o questionamento por que passamos não nos trouxeram crises de fé, ao contrário, redimensionaram nossa vida e clarearam o motivo de nossa esperança como cristãs e cristãos.

A realidade para a qual a Igreja nos enviou apontou para uma releitura da teologia de Lutero, mais contextualizada. Como membros do Conselho de Missão entre Índios (Comin) da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, apesar de estarmos sempre refletindo teologicamente a nossa prática missionária, sabemos que muitas questões ainda precisam ser melhor elaboradas. Uma delas é: Como interpretar a teologia de Lutero a partir de uma comunidade indígena?

No final dos anos de 1970, a atuação missionária da IECLB ao lado dos povos indígenas teve como base a proposta de uma pastoral de convivência. Ela se definia por um processo de reeducação missionária, por meio do qual procurávamos perceber o mundo a partir do ponto de vista do povo indígena. Isso significava assumir um compromisso e tirar dessa postura todas as consequências. Tínhamos como base o texto de Filipenses 2.5-8: "Tende em vós o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornandose em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente à morte, e morte de cruz".

A pastoral de convivência criou todo um processo de inserção num outro povo e com ele a igreja passou a ser vista como uma comunidade fraterna e não como uma entidade civilizatória, contando com maior credibilidade. Nessa concepção, o Evangelho passa a ser uma descoberta a partir de dentro na forma e no momento em que o povo assim o definir, e não uma imposição de fora como sempre aconteceu na história brasileira. Passa a ser um caminhar junto, sofrendo e lutando

com o outro, sempre acompanhado de um diálogo fecundo e sincero.

Os desafios mais concretos da convivência são: 1) aprender a língua, a história e a cultura dos povos indígenas; 2) apoiar a luta indígena por autonomia e superação de toda forma de dependência; 3) reconhecer suas formas próprias de organização e incentivar o surgimento de alianças com outros setores da sociedade nacional, também excluídos; 4) e respeitar a diferença, convivendo ecumenicamente (no sentido etimológico da palavra) em meio à comunidade indígena.

A convivência cotidiana proporciona uma melhor compreensão da visão de mundo, dos anseios e das expectativas da comunidade indígena. A proximidade permite o fortalecimento da confiança mútua. A escuta atenciosa e curiosa é parte imprescindível da convivência. Ela constitui uma pedagogia que nos permite, a partir da compreensão e do respeito, iniciar um diálogo e nós nos tornamos companheiros de caminhada.

A convivência possibilita um novo tipo de relação. É nesses momentos privilegiados que o povo se revela em toda sua profundidade. Para mim, como mulher, os momentos de maior proximidade e partilha eram aqueles quando me encontrava com as mulheres Kulina conversando nos intervalos do trabalho na roça. Ou quando o barco ia descendo lentamente de bubuia no meio do rio, ao retornarmos de alguma coleta de frutas do mato. A convivência nos introduz em novos universos de cores, sabores e sensações, provocando uma verdadeira conversão. Passamos a descobrir a "boa-nova" em meio a este povo, sinal de que o Espírito Santo sopra onde quer.

Lori A' mann, pastora luterana, integra o Projeto Índios Desaldeados do Comin/IECLB, é mestre em Ciências da Religião e mestranda em Antropologia.



A convivência e o diálogo com os índios provocam uma verdadeira conversão

A experiência de conversão de uma missionária

Carol Beaver

Na história da Igreja Unida do Canadá, missionários sempre foram enviados a igrejas de outros países, mediante convite, para compartilhar experiências e trabalhar. Foi assim que em 1961 teve início uma colaboração no Brasil entre a Igreja Unida do Canadá e a Igreja Metodista. Os primeiros missionários chegaram em terras brasileiras em dezembro daquele ano. Eles responderam a um convite para atuarem no trabalho de agrônomo e de enfermeira.

Foi assim que a minha participação como missionária leiga da Igreia Unida do Canadá no trabalho do Centro Rural Metodista Bispo Dawsey no norte do estado do Paraná. Passei 15 anos no Brasil dos quais dez no trabalho da igreja e cinco na área secular. A grandeza natural do Pão de Açúcar e do Corcovado deu-me as boas-vindas ao Brasil, quando entrei no porto de Rio de Janeiro. Ao desembarcar, os meus olhos, ouvidos, nariz e pele foram invadidos de visões, sons, cheiros e calor. Nem todos agradáveis! As lojas sem portas, as pessoas carregando pacotes grandes na cabeca, carnes sem proteção sendo invadidas por milhares de moscas que, segundos antes, estavam rondando o lixo em frente da loja, o bonde que passava cantando nos trilhos e tocando os sinos e os bares onde se compram todos os tipos de bebidas possível. O desembarque final em Santos; a passagem pela alfândega; a hospitalidade dos missionários metodistas; a viagem ao interior de Paraná para conhecer o Centro Rural Metodista, onde ia trabalhar, e Anita Cordeiro, com quem ia trabalhar; tudo foi cativante, cansativo e ines-

Os anos mais agradáveis da minha vida foram aqueles em que passei no sítio no Paraná, o Centro Rural Metodista Bispo Dawsey, trabalhando com a enfermeira/parteira Anita Cordeiro. Continuamos o trabalho que ela havia começado. Montamos um laboratório simples para tratamento de verminoses, uma praga na vida do povo do campo; levamos vacinas para vários locais; formamos grupos de ensino para mulheres e moças sobre nutrição, cuidados pessoais e do bebê; montamos uma clínica para o povo da vizinhança, particularmente as gestantes, e fizemos partos em casa; ajudamos com a escola dominical, escolas bíblicas de férias, e os cultos no Centro; e demos apoio e tratamento para um grupo de famílias sem terra que a igreja ajudou por meio de um programa de ação social. Anita, agora com 83 anos, ainda continua trabalhando com a igreja em Maringá e Paissandu, levando o amor cristão aos pobres e necessitados.

À primeira vista meu coração foi "capturado" pelo Brasil e nunca mais quis se livrar. Depois de anos de convivência no País, a minha vida ficou modificada. O meu país de origem foi visto com olhos mais aber-

tos e mais conscientes no que se refere aos privilégios e liberdades que o povo canadense toma como certos. Nunca mais me senti completamente canadense e nunca poderia ser completamente brasileira. Foi um imenso privilégio e prazer compartilhar o trabalho de Deus no Brasil. A viagem da vida está cheia de alegria e tristeza, mas como uma pintura, a vida não teria profundidade sem as sombras.

Carol Beaver é membro da Igreja Unida do Canadá em Toronto. Hoje trabalha como enfermeira no servico social público no distrito de Aurora (Grande Toronto/Canadá).

A conversão no dia-a-dia

Sandro Gallazzi

Não queria vir ao Brasil. Tinha sido formado para levar o Evangelho aos não-cristãos. Meu projeto era a Ásia, imensa, não-cristã. Queria ser a ponte para um diálogo intercultural e inter-religioso. Mas a história tem seus caminhos e vim ao Brasil, a uma Amazônia já "cristã" e, aparentemente, já aculturada.

De improviso, tive que me converter. Tive que rever toda a ideologia que sustentava minha missionariedade. O pobre se me impôs com toda sua realidade. O Evangelho é uma forma de estar junto do pobre. Tive que reler toda a Palavra de Deus nessa nova perspectiva. A maior qualidade da Boa-Nova não é a de ser anunciada no Brasil ou na Ásia, aos cristãos ou aos "pagãos". É de ser anunciada aos "pobres".

Para mim anunciar o Evangelho era falar de Jesus, de Igreja, de nova lei, mas descobri que anunciar o Evangelho é acreditar e gritar que o Reino de Deus chegou no meio dos pobres, dos excluídos, dos pecadores. É fazer de tudo para que sinais deste Reino acontecam no meio dos últimos e dos pequeninos. Basta um copo de água fresca, um prato de comida, um agasalho contra o frio, uma casa hospitaleira, uma visita

Vim para o Brasil pretendendo "salvar" os outros e descobri que até as crianças, as prostitutas, os ladrões conhecem melhor o caminho da casa do Pai. Precisei me converter, mudar radicalmente de perspectiva, em busca de uma fidelidade sempre mais coerente à memória de Jesus e ao seu projeto.

Estar com as mulheres, com os pobres, com os "caboclos", aprender a saborear seus gestos, suas culturas, trocar fraternalmente nossas informações, nosso modo diferente de ver as coisas, de ver a vida, o tempo, o sexo, o dinheiro, Deus, a religião: isto foi a minha auto-evange-

Missão é serviço, é tarefa a cumprir. E só há uma: "buscar o Reino de Deus e sua justiça".

Vi muita gente se juntar em comunidade, lutar por um pedaço de



do direito à cidadania

chão onde plantar; vi gente derrubando cercas e fazendo greve por um salário mais justo; vi jovens descerem na rua gritando contra a corrupção; vi multidões gritando "diretas já"... e vi o Reino de Deus crescer.

Crescia lá, onde as mulheres ensaiavam uma participação igualitária e mesmo assim diferente, onde os negros recuperavam e celebravam suas raízes ancestrais, onde os índios reivindicavam o direito de ser diferente.

Vi o Evangelho ser anunciado, como na casa de Betânia, toda vez que alguém, como aquela mulher, fazia "o bem" aos pobres. E quis estar junto, quis fazer o mesmo, com

Hoje trabalho na Comissão Pastoral da Terra. Já faz 16 anos. Trabalho com sindicatos, colaboro com a formação de quadros populares, estimulo a fitoterapia, a produção alternativa, a preservação da floresta, luto contra a implantação de grandes projetos que querem explorar nossa Amazônia. E percebi, nas poucas visitas à minha mãe, que, quando falo do "meu povo", estou falando desta nossa terra, desta nossa gente e não mais da Itália. Tenho outra casa.

Não sei a quantos eu "converti", mas tenho certeza de que eu me converti, continuo me convertendo neste processo de busca pela justiça, mesmo agüentando a perseguição, como muitos amigos meus que já derramaram o sangue por crer na terra, na paz, na justiça.

Este é o único sinal da verdadeira profecia, da verdadeira evangelização, da verdadeira missão: "Ai de vocês se não forem perseguidos, quer dizer que são falsos profetas"

Sandro Gallazzi, biblista católico, assessor da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Partilhando o Evangelho com os filhos da exclusão

Maria do Carmo Moreira Lima

Meses atrás fomos informados pelos meios de comunicação sobre as "rebeliões" ocorridas no Instituto Padre Severino. Este, o Instituto Santos Dumont e a Escola João Luis Alves são instituições do Estado (RJ), ligadas à Secretaria da Justiça, para atendimento dos chamados 'adolescentes infratores". A partir desses conflitos abriu-se um leque para investigações e discussões sobre as condições dos serviços prestados a essa clientela.

Há dois anos e meio, a partir das experiências trazidas do atendimento a meninos e meninas de rua apreendidos por cometerem ato infracional, e tendo uma indicação da Defensoria Pública na área de crianças e adolescentes, começamos na Escola João Luis Alves um trabalho de capelania com os meninos que cumprem medidas socioeducativas. Nossa primeira reação foi de total perplexidade diante do confronto com aquela situação em que só se refletia a morte, diante da ausência de esperança e de um bom futuro, dos sonhos transformados em cruel realidade: tráfico/assassinatos/roubos, etc. Lembro-me das histórias que nos contavam os garotos, e de como tentavam nos impressionar/ amedrontar com seus crimes. Também falavam de experiências trazidas de vivências em algumas de nossas igrejas, de como Deus se transformava no amuleto protetor, que livrava dos tiros ou proporcionava ajuda para uma fuga maravilhosa. Ou da ação de seus "guias".

Ficamos impressionados com a inteligência e a extrema capacidade daqueles jovens que, na verdade, são a explicitação de um projeto em que uma população empobrecida, negra/ mestiça, favelada/periférica fica de fora do direito à cidadania, da presença do Poder Público, que não proporcionou atendimento integral (creche, escola, etc.) a essa criança que se fez adolescente.

Aos poucos, o tempo, as conversas cheias de afetividade, os jogos e brincadeiras, as seções de vídeos, os sorrisos, o contato próximo e caloroso, a partilha e a doce presença entre nós do Deus Pai-Mãe, nos permitiram descobrir o significado real da comunhão, e mergulhamos fundo no universo dessa "pessoa em formação", conhecendo seus limites e possibilidades. Vimos que para alguns deles a infração/criminalidade é seu "destino". Mas me pergunto: Será o "projeto de morte" um destino a ser vivido passivamente?

O tempo também nos permitiu encontrar caminhos para prazerosamente lermos a Bíblia e orarmos em grupo, podendo, em respeito mútuo, descobrir pérolas do Evangelho na partilha. Nossa vivência pastoral no Instituto tem fugido do modelo de ação pastoral tradicional, e para os que se encaixam neste, o nosso trabalho não é pastoral, já ouvimos isso um dia. Entretanto, não nos intimidamos, não temos dúvidas sobre nossa atuação. Temos como modelo o Jesus dos evangelhos, como fonte de orientação o Evangelho, este que faz despertar em cada um, até mesmo nos "adolescentes infratores", a condição inalienável de ser mais, ser pessoa, ter dignidade. E é isso que os "filhos da exclusão" cantam em um de seus funks: "Eu só quero é ser feliz/ andar tranquilamente na favela onde eu nasci/e poder me orgulhar/e ter a consciência que o pobre tem seu lu-

Creio que esse é hoje o "clamor" que sobe aos ouvidos do Deus libertador, o Deus da vida. E é também esse o clamor que nos faz acreditar no "vir a ser" desses jovens, e assim seguir adiante.

Maria do Carmo Moreira Lima teóloga metodista, integra o Projeto Agar, de KOINONIA Presença Ecumê-

O pluralismo religioso como desafio ao ecumenismo

Walter Altmann

Se, diante de um novo milênio, nos perguntarmos sobre a situação atual e as perspectivas de unidade entre os cristãos e os povos na América Latina, encontraremos algumas ambigüidades ou contradições profundas. De um lado, o século XX pode ser caracterizado como o século do ecumenismo, isto é, dos esforcos de igrejas protestantes, ortodoxas e católica para superarem as divisões ocasionadas por divergências e por conflitos eclesiásticos em períodos anteriores. Por outro, a América Latina se converte hoje em um continente plural, no sentido étnico, cultural e religioso. Além disso, o pluralismo pode assumir um rosto de intensa rivalidade e competição, quando não de discursos difamatórios e práticas agressivas. Seria esse o resultado contraditório de um século de ingentes esforços pela unidade?

O cenário religioso latino-americano e caribenho se caracteriza atualmente por uma intensa mobilidade e uma crescente diversidade. O continente latino-americano foi visto por séculos como homogêneo do ponto de vista religioso, ou seja, católico. Hoje está caracterizado pelo pluralismo religioso. O crescimento de alguns movimentos pentecostais chega a ser assombroso. Por outro lado, observar-se um processo silencioso, mas profundo, de redescoberta de expressões religiosas indígenas e africanas, antes vivenciadas de forma oculta, quando não na clandestinidade. Nada faz supor que essa tendência ao pluralismo religioso possa reverter-se nos próximos anos. Para dizer de maneira clara: o Continente será, no futuro, menos católico, mais pentecostal, com espaços significativos para a religiosidade indígena e africana, e uma incidência modesta do protestantismo histórico.

Cenário desafiador

Não há dúvida de que o cenário é, para as igrejas tradicionais, ameaçador. O protestantismo histórico se confronta com um radical questionamento de sua identidade, quando não se vê forçado a lutar até mesmo por sua sobrevivência. Ao ver-se ameaçado, a tentação maior parece ser a tentativa de imitar o pentecostalismo, com a adoção de sua espiritualidade e de sua forma de pregação e de culto. Isso representa verdadeira renúncia ao papel ecumênico específico que toca às igrejas protestantes cumprir: o recurso permanente e rigoroso aos critérios bíblicos indispensáveis em toda prática eclesial; a referência à cruz de Cristo como perspectiva evangélica diante de "entusiasmos" muitas vezes ilusórios e efêmeros; a abertura para renovar-se a partir das experiências e práticas de outras igrejas. De outro lado, o mais doloroso será definir sua tarefa missionária num sentido nitidamente ecumênico, antepondo a integridade evangélica à compulsão para o crescimento denominacional

É compreensível que a Igreja Católica se sinta afetada e ameaçada pela intensa mobilidade religiosa. A atual "ola" pentecostal arranca da fé católica amplas parcelas do povo. A tentação poderia se arvorar na "volta aos velhos tempos" de união com o Estado ou, pelo menos, de privilégios sociais garantidos pelo poder público. Todavia, o mais significativo aporte ecumênico que só o catolicismo poderá proporcionar consiste no sentido de universalidade e de unidade no Sacramento. Isso só será factível, porém, se for acompanhado de sinais inequívocos do reconhecimento da legitimidade de opções religiosas diferentes.

Se observarmos as igrejas de corte pentecostal, encontramos indícios de que também começam a

sentir os efeitos "negativos" da dura concorrência religiosa. O pluralismo religioso não lhes é apenas oportunidade, mas também ameaça. Além disso, há nos novos movimentos religiosos, com frequência, uma dificuldade "de segunda geração", isto é, prosseguir quando a atração da novidade já passou e as situações se apresentam de modo mais complexas que o entusiasmo da primeira hora fazia supor. Esses fatos também poderão auxiliar para sublinhar a contribuição positiva mais significativa que as igrejas pentecostais estão e seguramente continuarão a dar: ser expressão da "pentecostalidade", isto é, da liberdade e do dinamismo do Espírito em uma época de intensa busca espiritual e mobilidade social. De outro lado, a tentação do pentecostalismo parece consistir em agudizar o "confronto religioso". por meio de uma exacerbação cada vez mais intensa da competição. Ainda que de modo geral olhem com suspeita a palavra "ecumênico", o passo ecumênico necessário consiste em reconhecer como irmãos em Cristo os protestantes históricos e os católicos, justamente porque, pela liberdade do Espírito, a pentecostalidade é muito mais ampla que as respectivas expressões confessionais pentecostais.

Diálogo e cooperação

De outro lado, registramos o fenômeno da reemergência da religiosidade afra e indígena. Esta, por séculos sufocada como seus povos, sobreviveu apesar da opressão, muitas vezes na clandestinidade e recorrendo a formas religiosas sincréticas. Agora reemerge com identidade própria no novo quadro de pluralismo, afirmando-se diante e muitas vezes contra o cristianismo, percebido como parte integrante da cultura dominante. Seguramente tratase de um desafio de grande magni-



A cooperação ecumênica é uma saída diante do pluralismo religioso

tude para o cristianismo. O fenômeno chama atenção para a "irredutibilidade do outro" e para o fato de que Cristo se encontra no outro, em particular no marginalizado. Deus não se deixa limitar pelas fronteiras da cristandade; seu Espírito atua onde quer. Para o catolicismo a necessária revisão da tradicional postura de superioridade em relação à religiosidade indígena e afra parece dar-se na medida em que admite a incorporação e mesmo a assimilação sincrética paulatina de concepções e práticas religiosas diversas. O protestantismo é muito mais centrado na fidelidade doutrinal, e resiste a apostar na assimilação sincrética. Mesmo assim, pode assumir uma postura de respeito e um sentido de radical legimitidade para expressões religiosas diferentes.

A necessidade do diálogo e da cooperação também se faz sentir em um marco mais amplo de relação entre confissões cristãs e movimentos de expressão religiosa indígena e afra. Apesar de estes buscarem recuperar ou afirmar sua própria identidade nos aspectos étnicos e culturais — o que inclui o religioso —, as igrejas olham esse movimento

com suspeita e preconceito. De outro lado, a recuperação da identidade indígena e afra vem compreensivelmente acompanhada pela reação aguda contra a violência provocada pela invasão branca neste continente, o risco de uma confrontação religiosa aguda não é algo impossível.

Nem o combate mútuo nem a reclusão confessional no interior de cada igreja, senão o esforço ecumênico com vistas ao futuro. Além de ser a única opção que corresponde ao mandamento bíblico, somente isso proporcionará a contribuição das igrejas em favor do testemunho evangélico, o chamado à fé, à paz, à justiça e à unidade de nossos povos. Temos muito o que aprender com c apóstolo Paulo: somos, em Cristo um só corpo, mas muitos membros em diversidade. E nenhum desses membros necessita depreciar-se a s mesmo ou tem o direito de desprezar os demais. Porque, ainda que diferentes, somos membros do corpo de Jesus Cristo. Separados Dele, perdemos a razão de ser.

Walter Altmann, pastor e teólogo luterano, é presidente do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai)

Invista no tema

VICEDOM, Georg. A missão como obra de Deus: introdução à teologia da missão. São Leopoldo-RS, Sinodal & IEPG, 1996.

Desenvolve um conceito de missão que se caracteriza por ser decididamente ecumênico, crítico em relação ao paradigma civilizatório como referencial da missão e pro-



fundamente arraigado na teologia da Reforma do século XVI.

COMBLIN, José. Teologia da missão. Petrópolis-RJ, Vozes, 1980.

Renega os métodos missionários tradicionais de expansão da Igreja. Enfatiza a necessidade do conhecimento dos sinais dos tempos antes de qualquer etapa pastoral ou missionária.

CMI. Missão e evangelização: uma afirmação ecumênica. Rio de Janeiro-RJ, CEDI, 1983.

Resume algumas das convicções fundamentais no pensamento e na prática da missão e da evangelização na vida das igrejas-membros do Conselho Mundial de Igreja.

SENIOR, Donald & STUHL-MUELLER, Carroll. Os fundamentos bíblicos da missão. São Paulo-SP, Paulinas, 1987.

Concentram a reflexão na relação de Israel e da Igreja com os gentios, ponto de contato onde acontece uma consciência de universalismo e de eleição, de juízo e de justiça, de promessa e de seu cumprimento.

CAVALCANTI, Robinson. A utopia possível: em busca de um cristianismo integral. Viçosa-MG, Ultimato, 1003

Entendendo utopia como o ainda não realizado, construído por homens e mulheres, reflete sobre as bases de um evangelho nãoparcializado, não-instrumentalizado, mas um evangelho integral.

GRELLERT. Manfred. Os compromissos da missão: a caminhada da Igreja no contexto brasileiro. Rio de Janeiro-RJ, JUERP/Visão Mundial, 1990.

Reflexões sobre missões transculturais, a ação social e proclamação do Evangelho, dentre outras questões sobre missão integral da Igreja.

PAULY, Evaldo Luis. Cidadania e pastoral urbana. São Leopoldo-RS, Sinodal & IEPG. 1994.

Explora e avalia a eficácia prática de novos instrumentos analíticos para a pastoral urbana, tomando uma cidade específica: Porto Alegre.

ZWETSCH, Roberto, org. 500 anos de invasão: 500 anos de resistência. São Paulo-SP, Paulinas/CEDI, 1992.

Diversos artigos de estudiosos sobre o tema da evangelização na América contribuindo para uma re-



leitura dessa história a partir da óti ca dos grupos colonizados.

BOTTASSO, Juan. La Iglesia y lo Indios: ¿500 años de diálogo o d agresión? Quito-Equador, ABYA YALA, 1993.

Reúne reflexões sobre a evange lização entre as populações indíge nas da América.

Jesus e os excluídos

Uma leitura de Marcos 1.40-45

Ziel Machado

O enfoque do livro de Marcos repousa muito mais sobre as ações de Jesus do que em seus ensinos. Vemos o Senhor em plena atividade. O rei que serve (10.45)!

Este capítulo inicial do evangelho de Marcos é marcado por muitos momentos: a preparação para seu ministério (predito pelas Escrituras, por João Batista); seu batismo; a tentação; a escolha dos discípulos; sua pregação; e milagres que manifestam seu poder sinalizando o Reino de Deus.

Estamos diante de um encontro que revela que Reino não chega somente em palavras mas com sinais concretos. Contudo esse episódio nos mostra que no centro da missão do Mestre estavam aqueles que viviam fora do foco, à margem, excluídos. Os destituídos que compunham a margem da vida eram participantes da preocupação do Senhor Jesus.

Quais são os nossos focos, ou onde estão? Toda nossa formação nos direciona para os centros, e não para a margem, vivemos num contexto onde fomos preparados (muitos de nós) para fixarmos nosso foco nos centros (poder, fama, status).

Aqui encontramos Jesus na margem, por onde passa a história, mostrando que seu foco incluía a margem, os excluídos.

Incluindo os excluídos

Lepra é uma designação antiga de uma classe bastante extensa de doenças, cujos sintomas eram de natureza cutânea. Os hebreus tinham aversão devido à própria patologia, mas também porque era acompanhada por impureza cerimonial que classificava o doente como imundo. O resultado era que a pessoa era banida da vida em sociedade; banida da presença de Deus no templo (serviço comunitário); e imundo e contagioso (profanação cerimonial — não-moral).

Estamos diante de uma sociedade que marginaliza seus leprosos! Isso não difere dos dias de hoje! Nossa sociedade continua produzindo os seus banidos, seus leprosos, excluídos; aqueles que por determinado motivo trazem algum tipo de risco ou incômodo.

É muito interessante quando descobrimos que em alguns manuscritos gregos, ao invés de dizer que Jesus se encheu de compaixão, diz que se encheu de raiva! Mas por que ele sentiria raiva? Provavelmente por visualizar o pecado expresso numa situação na qual a pureza moral/ética era preterida pela preocupação com a pureza cerimonial, uma sociedade, um sistema espiritual/social que não cura mas exclui, que não restaura mas elimina.

E hoje, quem encontramos na periferia? Nesta sociedade se definem os contornos de democracia de forma muito limitada. Enrique Dussel está se dedicando a produzir uma nova historiografia da América Latina a partir dessa categoria do excluído, e em sua lista encontramos: índios; negros/mulatos; camponeses; operários urbanos; mulheres; meninos de rua; velhos. O que dizem essas vozes?

"O idoso é deixado de lado. Ninguém gosta de velho. O velho incomoda, o velho fala demais, o velho faz chantagem" (Lourença Soares, 59 anos).

"Thomas passava a maior parte do dia encolhido no sofá, embaixo do cobertor. Não comia nem se cuidava direito e continuava piorando. Também tinha coceiras terríveis e se arranhava tanto que chegava a sangrar. Sua vista começou a deteriorar nas semanas seguintes, já não podia ler. Seis semanas mais tarde, entrou em coma e teve uma morte serena, na enfermaria. Diagnóstico: Aids."

Este é o nosso mundo, uma má-

quina de excluir: pobres, curdos, negros, sérvios, croatas, etíopes, aidéticos, velhos, meninos de rua, prostitutas, etc.

Mas a resposta de Cristo aos excluídos é compaixão! Vê o homem como pode vir a ser, encara a situação com realismo (não espiritualiza), e esta compaixão se materializa: fala, toca, dá atenção. Estes são elementos que, quando não são tomados com atenção, permitem a formação de um exército de excluídos, pois não lhes damos atenção, não lhes ouvimos, não tocamos neles. Assim evitamos a proximidade com as pessoas e nos isolamos em ilhas da fantasia, fugindo das ameaças do mundo real inseguros e assustados.

Como resultado desse processo, temos a teologia, a tecnologia e a arquitetura da exclusão: shopping centers, condomínios fechados, tudo para evitar o contato com a realidade que nos cerca; afinal, "o que os olhos não vêem o coração não sente".

O que prospera no mundo real? O que vale a pena? Como incluímos essa gente? Será que promovemos inclusões parciais com obras de misericórdia, mas carecendo de uma leitura que ultrapassa a ética individual e que elabore uma crítica do sistema?

Restaurando pela compaixão

Jesus restaurou a saúde do leproso. É possível que esse homem sofresse de outras enfermidades relacionadas a sua condição: ele era um homem banido, portanto tinha problemas relacionais; era um homem com uma auto-imagem destruída, portanto com problemas emocionais; estava longe de Deus, portanto sofria de problemas espirituais; estava fora do sistema de produção, portanto sofria com a própria subsistência.

Deus, ao restaurá-lo, o fez de forma integral, pois: devolveu-lhe a saúde física; reintroduziu-o à vida em comunidade; recuperou sua auto-imagem; confirmou sua fé, restaurando-lhe o acesso a Deus; deulhe condições físicas que o habilitassem a produzir e a viabilizar sua existência. O efeito da transformação foi tão grande que ele não conseguiu seguir à risca a recomendação de Jesus de não divulgar o acontecido.

Falar, tocar, ouvir. Modelos concretos de misericórdia. Como construímos nossos modelos de compaixão nessa sociedade onde, como tantos outros, optamos pelo caminho da exclusão, não importa de que natureza for? Uma compaixão que não se deixa enganar pelo que vê, mas que vai além disso, reconhecendo em cada criatura o valor de serem imagens e semelhanças de Deus. Como nos diz madre Teresa de Calcutá: "Em Calcutá, nós recolhemos muitos, milhares de leprosos. Eu posso assegurar-te que eles são admiráveis, não importa quão desfigurados eles possam parecer".

Será que estamos dispostos a começar a partir do pequeno? Da fala, do toque, da atenção? Como lidamos com as escolhas de nossos próprios centros, e o que vemos à margem deles? O sistema exclui, e quem nossa prática pastoral exclui? A partir de que lugar avaliamos nossa prática pastoral?

Já alcançamos o entendimento de que não podemos ser profetas do Sistema, mas ainda estamos no meio do caminho entre ser profeta no Sistema e ao Sistema.

Ziel Machado é secretário-geral da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB), historiador, pastor da Igreja Metodista Livre e mestrando em Ciências da Religião na PUC-SP.



A festa de Pentecostes

(Dia 18 de maio)

Israel não foi o único nem o primeiro a celebrar festas religiosas em períodos fixos. Todos os povos do Oriente Antigo tinham suas festas, como atestam os documentos arqueológicos. A fé no Deus da aliança levou Israel a transformar profundamente o sentido que elas tinham e a dar-lhes uma significação específica no quadro de seu culto: comemorar liturgicamente as intervenções históricas, pelas quais Deus tinha con-

cluído aliança com ele, e reatualizar o evento histórico para cada geração do povo de Deus.

A primeira festa do povo era a Páscoa, e a segunda a Colheita ou as Semanas (Pentecostes), celebrada no momento da colhei-

ta do trigo (Êx 34.22). O código da aliança a chama simplesmente de Festa da Colheita e os códigos posteriores a chamam de Festa das Semanas, porque ela é celebrada sete semanas após o início da colheita, o cinquentésimo dia após o sábado pascal, daí seu nome grego de Pentecostes (que significa a cinquentésima jornada). Trata-se de uma festa de agradecimento alegre pela colheita que Deus dá a seu povo, com o oferecimento das primícias do trigo ou de uma dádiva voluntária: mais tarde vem a tratarse de sacrifícios de agradecimento e expiação. O baixo judaísmo fez do Pentecostes a comemoração litúrgica do dom da Lei no Sinai. Assim ela recebe uma importância renovada, na medida em que a Lei torna-se o fundamento e a garantia da Aliança.

Os cristãos iriam celebrar nesse dia a reconstituição do povo de Deus pela efusão do Espírito Santo (cf. Atos 2). De fato, por que São Paulo escreveria aos cristãos de Corinto, cuja maioria havia saído do paganismo, que tencionava permanecer na Igreja de Éfeso — de maioria igualmente gentio-cristă - até o Pentecostes, se esta festa fosse conhecida apenas dos judeus? A razão mais forte era que o Pentecostes cristão era celebrado em Jerusalém, pois o apóstolo fazia força para lá chegar nessa data (At 20.16). Este último texto permite supor até mesmo que a festa, que para os cristãos lembrava o dia em que "homens piedosos, de todas as nações debaixo do céu" (At 2.5) tinham ouvido falar em suas próprias línguas "as grandezas de Deus" (v.11), não era, no conceito de São Paulo, celebrada apenas para lembrar a efusão do Espírito Santo, mas também para salientar a unidade e universalidade da Igreja.

Fonte: Vocabulário Bíblico. J.J. Von Allmen. São Paulo: ASTE. 1972.



Os destituídos foram participantes da preocupação de Jesus

Reflexões teológicas sobre os direitos humanos

Em 1976, o CEI Suplemento publicou uma série de subsídios como resposta a um apelo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O chamamento visava a adesão à iniciativa da CNBB de um esforço conjunto de sensibilização da opinião pública em favor da preservação e promoção dos direitos humanos, especialmente das camadas sociais marginalizadas. CONTEXTO PASTORAL retoma esta memória e publica extratos de um dos documentos subsidiários da edição nº 15 do CEI Suplemento, que foi ilustrado com casos de violação de direitos humanos na época, também agui partilhados e atualizados

Ainda que a sua Declaração sobre Direitos Humanos em 1948 reflita o sentido desenvolvido durante o liberalismo pela Convenção de Direitos Civis e Políticos e especialmente pela "Convenção sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais" de 1966, a ONU tenta difundir uma compreensão mais ampla sobre direitos humanos. De acordo com essa compreensão mais abrangente o indivíduo deve ser protegido não só nas esferas legais jurídicas e políticas, mas também na vida econômica e social.

Tomando posição nesse assunto amplamente discutido e controvertido dos direitos humanos, trabalhamos no espírito de uma comunidade cristã, na esperança, ao mesmo tempo, de que nossa palavra seja entendida como uma contribuição a uma das preocupações essenciais da humanidade hoje.

Aspectos teológicos

Frequentemente os direitos humanos liberais, que tiveram origem num período histórico concreto, foram considerados cristãos e compreendidos como sendo de autoridade divina. Chegou o momento tanto de desvendar os fundamentos históricos desse conceito sobre direitos humanos como também sua dependência espiritual-histórica do liberalismo iluminista e do levantamento de provas quanto ao erro básico de se identificarem os direitos humanos com a revelação bíblica.

Achamos inadmissível que os direitos humanos tenham sido vistos como direitos metafísicos do indivíduo sem estarem relacionados com a situação histórica, e que essa premissa tenha sido baseada na idéia do homem ser criado à imagem de Deus, ou possivelmente na singularidade da criação. Esse conceito metafísico, individualista, de direitos humanos, que ainda sobrevive em muitas áreas e tem sido aplicado a todas as situações históricas, na realidade serve para propagar a uto-pia burguesa não-histórica, muito frequentemente difundida como especulação profética. Direitos humanos devem ser considerados dentro do quadro de eventos escatológicos, no contexto da constante atividade da criação. Assim torna-se possível

para os cristãos realizarem um serviço profético dentro da sociedade, e serem, por conseguinte, um corretivo ao conceito liberal que não se empenha em fazer os direitos humanos accesíveis a todos.

Algumas noções básicas

Os direitos humanos objetivam assegurar o livre desenvolvimento de todos os homens. Mas se uma ordem externa for estabelecida em seu nome, ignorando de fato as grandes massas, seu real objetivo deixa de ser atingido. Os cristãos, por exemplo, têm a responsabilidade de perguntar se o preço que se paga pelo desenvolvimento econômico em termos éticos é justificável, se o progresso material está sendo distribuído com justica, se o desenvolvimento está sendo socialmente orien-

Saúde pública

HÁ VINTE ANOS

Apesar de Campina Grande ser a segunda cidade da Paraíba e possuir dois hospitais neuropsiquid-tricos, os doentes mentais ainda são conduzidos para o xadrez da Central da Polícia Militan No dia central da Policia Militan No dia 6 de maio, Luiz Rogério, 37 anos, solteiro, marreu de fome numa das celas da delegacia especializada. Ele era portador de documento do INPS, que lhe assegurava tratamento numa clínica, porém, numa prova de completa inabilidade, policiais procherem sociale. policiais resolveram recolhê-lo a um dos pardieiros, onde sofreu fome e frio. (O Estado de São Pau-lo, 16/5/76)

O número de vítimas das sessões de hemodiálise promovidas pelo Instituto de Doenças Renais (IDR), de Caruaru (PE), chegou a 126, até outubro de 1996, Essas pessoas contraíram hepatite tóxi-ca durante o tratamento, fornecido com água contaminada. Deste total, 60 pessoas morreram e as outras correm risco de vida. (Fa-lha de São Paulo, 14/10/96).

Massacres no campo

HÁ VINTE ANOS Mais de 400 lavradores chegaram a Feira de Santana (BA), para sepultar, sob tensão emocional, Joaquim Pereira dos Santos, 36 anos, fuzilado quando um batalhão da PM expulsava 120 famílias resi-dentes há mais de 70 anos nas terras da Fazenda Candeal, na Vila Matinha. O cortejo desviou-se, a caminho do cemitério, para passar diante da casa de Emanuel Brito Portugal, acusado pelos lavradores como grileiro e responsável pela ação policial. No in-quérito instaurado, há acusações contra um tenente e oito soldados. (CEI-Suplemento, 9/76)

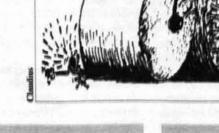
HOJE

Relatório divulgado pela CPT (Comissão Pastoral da Terra) revela que 51 pessoas foram mor-tas em 1996, em consequência das disputas por terra no País. O número de homicídios superou em muito o registrado pela entidade em todo o ano de 1995 — 41 trabalkadores rurais. Nos áltimos anos ocorreram 31 julgamentos envolvendo acusados por mortes no campo. Sete pessoas foram condenadas e duas estão foragi-das. (Folha de São Paulo, 15/4/97)

Os direitos humanos não constituem um objetivo em si mesmos, mas nos mostram o sentido no qual a sociedade se deve desenvolver a caminho da paz e da justiça. São um instrumento apto para que a vida dos homens adquira qualidade mais rica e mais completa. O alvo é a própria vida. É em relação à vida que os direitos humanos devem ser avaliados.

Direitos humanos e responsabilidades

Os cristãos que fundamentam suas atitudes em Jesus Cristo, ao invés de inicialmente perguntarem por seus direitos, perguntam pelas suas tarefas e pelas responsabilidades que são postas sobre eles pela imerecida justiça de Deus, o que os habilita a provarem sua gratidão e sua soli-dariedade para com o mundo. O cristão se sente responsável para servir com amor ao próximo. Isto forma a base de sua participação na luta pelos direitos humanos, em benefício de todos os oprimidos e discriminados. A relevância social dos direitos humanos — iluminada pela noção bíblica de justiça, através da aliança de Deus com o homem, pela sua responsabilidade para com a humanidade na encarnação — chama todo cristão a exercer solidariedade para com todos os homens, em particular para com aqueles que necessitam de tal solidariedade, e a tornar disponível para com o próximo



Trabalho/emprego

HÁ VINTE ANOS

Segundo o Departamento Inter-sindical de Estudos e Estatísticas Socioeconômicas (Dieese), nos áltimos 12 meses o poder aquisi-tivo dos salários dos trabalhadores que recebem salário superior ao mínimo reduziu-se a 21% er relação ao ano-base de 1964. Um trabalhador necessita, hoje, tra-balhar 182 horas e 11 minutos por mês para adquirir a ração alimen-tar composta de 13 produtos necessários à sua sobrevivência, o que representa 93 horas e 31 mi-nutos a mais do que trabalhava em 1964 para comprar a mesma quantidade de alimentos. (Jornal do Brasil, 3/6/76)

HOJE
O temor dos assalariados não é
por acaso. De 1990 até 1996, a
indústria viu seus empregos encolherem perto de 35%. E ao mesmo tempo, a mão-de-obra informal, que já vinha crescendo ano
a ano, alcançou a faixa dos 57%.
Traduzindo em números: dos 74,1
milhões de persoas que fazem por milhões de pessoas que fazem par-te da chamada População Econo-micamente Ativa do País, 69,9 milhões estão ocupados em algu-ma atividade. Deste total, apenas 43% têm vínculo formal. (Jornal do Brasil, 2/2/97)

tudo o que está sob sua guarda. Promovendo tal atmosfera nas suas comunidades e na opinião pública, os cristãos criam condições para uma efetivação mais profunda e mais ampla dos direitos humanos. Nesses esforços sentimo-nos em união com todos os homens de boa vontade que estão lutando por uma paz justa e por uma vida verdadeiramente hu-

Documento distribuído pela Comissão das Igrejas sobre Relações Internacionais do Conselho Mundial de Igrejas para a Consulta sobre Direitos Humanos de St. Polten, Austria, outubro de 1974.

Tortura no Brasil

HÁ VINTE ANOS "A brutalidade como forma de manifestação política somente será superada nos países onde houver liberdade de imprensa, onde os juízes gozem de garantias, os parlamentares tenham liberdade no exercício do seu mandato e onde os torturadores sejam puni-dos e eliminados dos órgãos repressivos; onde nenhuma prisão ilegal possa se subtraída ao imediato, amplo e efetivo controle ju-dicial; onde seja lícito contestar, pacificamente, o regime sem re-ceber o estigma de delinqüente político; e onde ninguém possa ser preso pelo simples fato de pos-suir idéias diversas das dos go-vernantes". Esta foi a declaração feita pelo jurista Eduardo Seabra Fagundes, filho do ex-ministro Seabra Fagundes, que assumiu a presidência do Instituto dos Ad-vogados do Brasil (IAB). (O Es-tado de São Paulo, 23/4/76)

A tortura tornou-se um método ro-A toriura tornou-se um metodo ro-tineiro de investigação nas dele-gacias do País. A violência con-tra os presos perdeu visibilidade após o fim do regime militar, mas ela vem sendo usada com freqüên-cia cada vez maior nos distritos

Segundo o ouvidor da polícia de São Paulo, Benedito Domingos Mariano, "na época da ditadura a classe média repudiava a tortura, pois seus filhos estavam apanhando, Hoje em dia ninguém liga, pois tudo acontece na periferia". As denúncias contra policiais civis são 20% maiores do que contra policiais militares. Os casos de violência dos policiais militares são mais visíveis, segundo Mariano, pois eles são mais Segundo o ouvidor da polícia do Mariano, pois eles são mais truculentos devido ao treinamen-to que recebem. Já os policiais civis são mais "sofisticados" ao usarem métodos de tortura que não deixam marcas como afoga-mento, choques elétricos e pau-de-arara. (Folha de São Paulo,

Implicações ético-teológicas da clonagem

Margarida Luiza Ribeiro Brandão

Para dar alguns passos, ainda que modestos na reflexão ético-teológica sobre as experiências de clonagem, não podemos prescindir de um mínimo de informações provenientes de outras áreas do conhecimento humano, recolhidas e partilhadas numa atitude de diálogo que respeita a autonomia de argumentação dos interlocutores e interlocutoras envolvidos e a especificidade de seus saberes e experiências.

Nesse sentido, nossa reflexão levará em conta três pontos principais que se articulam. O primeiro apresenta alguns dados acerca da bioética, especialmente a bioética teológica, como lugar próprio para o estudo e a militância sobre as questões da vida e da saúde, no seu sentido mais amplo e abrangente. Aí encontramos elementos para uma reflexão ético-teológica sobre a clonagem. O segundo situa rapidamente a clonagem no contexto das pesquisas e das experiências no campo da engenharia genética, com uma breve referência à descoberta do DNA e ao Projeto Genoma Humano. O terceiro indica alguns critérios de discernimento ético-teológico que orientam nossa tomada de posição e nossas decisões a respeito destes "problemas intrincados".

Origem e objetivos da bioética

Do ponto de vista ético, o tema da clonagem é abordado no campo da bioética - ética da vida -, disciplina originária da década de 1970, cujo objetivo vem sendo definido na literatura especializada e refletido nos congressos brasileiros, latinoamericanos e internacionais de Bioética, realizados nos últimos anos. Ao realizar um estudo sistemático das ciências da vida e da saúde, sem descurar das dimensões éticas, que incluem visão, decisão, conduta e normas morais, a bioética utiliza várias metodologias éticas num contexto interdisciplinar. Embora sua denominação e seu conhecimento sejam oriundos de pesquisas realizadas em universidades norte-americanas e européias, desde o começo, a bioética não se fechou no mundo da academia, pois surgiu em um momento histórico de profundas mudanças em que se descortinava à humanidade outro ambiente de vida, resultante de ações e opções humanas que interferem nos processos biológicos em geral.

Nessa perspectiva, esteve e está intimamente ligada à sobrevivência da espécie humana, das nações, das culturas, de toda a Terra. Tem como campo de estudo e militância social a busca do bem de toda a humanidade. Enquanto ciência, inclui as ciências biológicas e as sociais; enquanto ética, implica uma ampla gama de éticas religiosas e seculares. A "bioética teológica", como um ramo do saber ético-teológico, busca maior rigor metodológico nas questões abordadas. O que a distin-

gue, além de sua referência de fundo à fé e à revelação cristãs, no trato da temática da vida, é uma acentuada interdisciplinaridade.

O contexto das experiências de clonagem

No mundo vegetal, a experiência com clonagem já existe há mais de 20 anos. Tudo se complica mais quando se trata de animais e do ser humano. "Clonar humanos não é uma questão de técnica, mas de ética". (Fátima Oliveira. Engenharia Genética: o sétimo dia da criação.1995.) Sabemos que as experiências de clonagem supõem um conhecimento de genética e de engenharia genética que só os especialistas conseguem alcançar completamente. De maneira sintética, podemos dizer que a clonagem é uma técnica fundada nos avanços da engenharia genética, que permite a multiplicação de seres vivos, mediante uma repetição estrita, ou seja, a formação de um organismo cópia de um organismo originário.

Para isso, são utilizados saberes oriundos da física, da química, da biologia e mesmo da informática, que possibilitam manipular moléculas do DNA, os genes, presentes em todos os seres vivos. Inegavelmente, com a descoberta e a demonstração da estrutura helicoidal da molécula do DNA, em 1952, a novidade da biotecnologia reside no conhecimento do que se está fazendo e na possibilidade de escolher o que se quer fazer. A engenharia genética visa fundamentalmente engendrar características hereditárias "desejáveis" ou eliminar características hereditárias "indesejáveis".

Com efeito, hoje se acredita que quase todas as doenças são associadas à mutação genética, dos diabetes aos cânceres, e mesmo alergias e reumatismos. O Programa Genoma Humano, iniciado da década de 1980 com a finalidade primordial de lutar contra as seis mil doenças hereditárias conhecidas, na realidade indica também uma interação que não pode ser menosprezada quando se trata de clonagem: a relação genoma (conjunto de genes) e meio ambiente. Tal relação explica como nas experiências de clonagem, apesar dos clones serem em si uma réplica, os produtos "cópias" nem sempre repetem as características desejadas e as mutações escapam ao controle científico. Assim, os procedimentos precisam ser repetidos inúmeras vezes, para alcançar os objetivos previstos.

As manipulações genéticas representam esperanças e ameaças para a humanidade. Esperanças, porque podem trazer a perspectiva de cura para inúmeras doenças, em especial as genéticas, com a descoberta de novos medicamentos mais ágeis e talvez mais eficazes. Acenam ainda com uma capacidade inesgotável de produção de alimentos. As ameaças existem, porque não se sabem ao certo os impactos ecológicos e humanos de tudo isso. A propriedade intelectual e o segredo industrial ou comercial relativos à engenharia genética são aspectos que não dizem respeito somente à ética. Interpenetram-se conceitos econômicos, sociais, filosóficos, religiosos, e éticos. Essas e outras questões nos levam a descobrir critérios ético-teológicos que norteiam a nossa tomada de posição sobre o assunto.

Critérios de julgamento

No Antigo Testamento, a vida humana é como o coroamento das obras de Deus (cf. Gn 1.27-30). No Novo Testamento, a vida se torna termo teológico central, sobretudo nos textos joaninos e paulinos. O texto fundamental dessa teologia da vida encontra-se no prólogo do

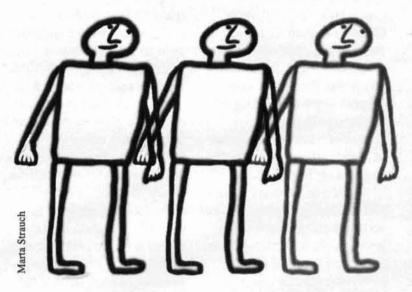
evangelho de João: "... nele estava a vida e a vida era a luz dos homens" (Jo 1.1-4). Na visão teológica, a vida humana é transformada pelo dom da vida divina e é nessa perspectiva que devemos avaliar a extrema energia e mesmo uma certa intransigência com que a Igreja Católica defende o dom da vida e tudo o que diz respeito à dignidade da pessoa humana (cf. especialmente a instrução Donum Vitae - Dom da Vida, de 1987, e a encíclica Evangelium Vitae - Evangelho da Vida, de 1995). O corpo humano não é apenas um conjunto de tecidos, órgãos, funções, genes. Qualquer intervenção nele envolve a pessoa por inteiro, na sua concepção unitária corpórea e espiritual (cf. Concílio Vaticano II, Constituição Gaudium et Spes Alegria e Esperança, nos. 12-14).

Donum Vitae procura dar respos-

ta a algumas indagações atuais, com a convicção de que é "ilusório reivindicar a neutralidade moral da pesquisa científica e de suas aplicações". As novas técnicas no âmbito da reprodução humana podem permitir aos seres humanos "tomar nas mãos o próprio destino", mas acarretam "graves riscos" de ser tentados a "ultrapassar os limites de um domínio razoável sobre a natureza." (Donum Vitae I). É em nome do respeito à vida que se posiciona contrariamente a intervenções no patrimônio genético que visam produzir seres humanos selecionados" (Donum Vitae II, 6).

É evidente que os critérios ético-teológicos não se circunscrevem a citações de alguns textos da Bíblia e referências específicas do magistério da Igreja Católica, sobretudo quando trazemos para o interior do discurso teológico as perspectivas de diálogo inter-religioso, intercultural e de gênero, uma vez que somos mulheres e homens de raças, culturas, credos religiosos e lugares sociais distintos. Temos consciência da importância da autonomia humana, como espaço de racionalidade e afetividade, enraizada numa profunda referência teônoma. A autonomia teônoma, fundada na liberdade humana, vivida historicamente como dom de Deus, é uma base importante de diálogo, face ao pluralismo do mundo em que vivemos. Ela permite a construção conjunta de critérios capazes de orientar nossas decisões éticas.

Margarida Luiza Ribeiro Brandão é teóloga católica, professora do Departamento de Teologia da PUC/RJ.



Criação ao alcance da mão

A clonagem de animais, uma das maiores descobertas da ciência nos últimos tempos, causou muita polêmica porque as discussões ultrapassaram os meios acadêmicos. O mundo hoje tem maior necessidade de compreender e acompanhar a busca de um equilíbrio entre técnica e ética. A participação efetiva da sociedade com atenção voltada para efeitos, benefícios, males, que a clonagem pode causar, ajudará a luta por uma ciência moderna que não se volte contra a humanidade.

Para se obterem animais clonados não é necessário uma fórmula muito complicada. Os cientistas fundiram um óvulo não fecundado sem o miolo, sem material genético (DNA), retirado de uma ovelha adulta da raça Scottisch Blackface, com o núcleo de uma célula da glândula mamária de uma ovelha da raça Finn Dorsett (mãe gêmea da ovelha Dolly). Depois de fundida, por meio de impulsos elétricos, a nova célula começou a se multiplicar para formar um novo embrião e foi transferida para uma terceira ovelha onde Dolly foi gestada.

A simplicidade como Dolly foi produzida leva a pensar na possibilidade da clonagem de seres humanos que parecem muito, geneticamente falando, com as ovelhas. A preocupação com a ética e com a engenharia genética, que pode alterar ou substituir os genes, é o que tem sido mais discutido depois que a experiência com as ovelhas foi divulgada. Para o Vaticano a transmissão da vida só deve ocorrer por meio do ato conjugal e o próprio lam Wilmut, criador da Dolly, considera a clonagem humana "desumana" e sem razão

No Brasil a engenharia genética é proibida e uma lei de 1995 sancionada pelo presidente FHC pune a clonagem de seres humanos com penas de 3 a 20 anos de cadeia. A Comissão Tecnológica Nacional de Biossegurança (CTNBio) do Ministério de Ciência e Tecnologia fará uma revisão

na legislação para normatizar o uso de novas técnicas decorrentes do avanço científico para que o Brasil não fique fora do desenvolvimento tecnológico.

Existe muito de positivo na descoberta da clonagem de animais: criação rápida de rebanho, alteração de genes causadores de doenças, vacinas geneticamente desenhadas, produção de órgãos para transplantes. Como há um lado negativo: a melhoria biológica seria escolhida sob que prisma e por quem? As mudanças da natureza e seus resultados sempre foram satisfatórios como a melhoria da agricultura. O que assusta é saber que essas pesquisas estão sendo realizadas há vinte anos e que a Dolly foi a 277ª tentativa.

A ciência precisa deixar de ser o bem e o mal para que o homem se sinta um pouco mais à vontade e sem tantos medos.

Fontes: JB, 27 e 28/2, 3/3, 5/3, 7/3, 8/3, 13/3; Folha de São Paulo, 7, 16 e 17, 24/3/97; O Globo, 21/3/97.

Mara Lúcia Martins, jornalista, integra a equipe de KOINONIA.

Austra, aucheu as 1974.

umbing a may using lavimogality im-

da estaco de servicio de carrenta de da estación de deserviciones de constantes de con

Tributo a Paulo Freire

Konrad Raiser

No dia 2 de maio, o mundialmente conhecido educador brasileiro Paulo Freire morreu de ataque cardíaco aos 75 anos. O Conselho Mundial de Igrejas (CMI), que foi inspirado por Paulo Freire durante o período em que ele esteve vinculado ao seu *staff* nos anos de 1970, chora a perda de um amigo e de uma das grandes mentes do nosso século.

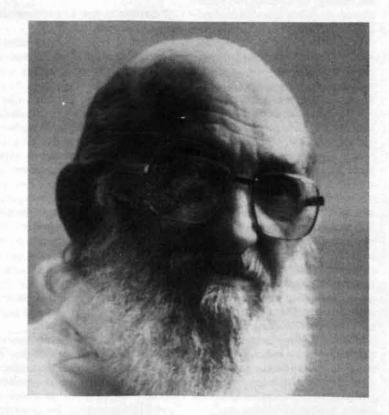
Paulo Freire nasceu em 1921 no estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. Depois de receber ampla formação em filosofia clássica e teoria educacional, tornou-se um dos mais importantes colaboradores no desenvolvimento da educação de adultos e um pensador de larga influência no campo da educação popular. Juntamente com sua primeira mulher Elsa, que era uma ativa educadora, Paulo Freire desenvolveu seu criativo método de alfabetização de adultos na cidade de Recife. O método começa a partir da convicção de que a educação deve ser baseada no diálogo, permitindo que todas as pessoas dêem sua contribuição para o crescimento pessoal. Além disso, as palavras-chave por meio das quais as pessoas aprendem a ler e escrever deveriam ser relacionadas à sua experiência diária. Em terceiro lugar, Freire afirma que educação é sempre uma experiência coletiva. A alfabetização deve acontecer no contexto das comunidades de aprendizado.

Paulo Freire reconheceu, por meio dessa experiência, que o aprendizado que afirma a dignidade das pessoas pode capacitar mesmo homens e mulheres pobres a tornarem-se produtores de cultura, prontos a superarem a cultura do silêncio. O objetivo central desse método era criar um nível de percepção da realidade, promover uma nova consciência entre as pessoas. O termo criado por ele -"conscientização" - tornouse assim um símbolo da pedagogia de Paulo Freire.

O sucesso inicial do método Paulo Freire em Recife levou as autoridades do governo de Pernambuco a adotarem a metodologia para educação de adultos em todo o estado. Em 1964, o governo brasileiro introduziu o método em todo o País. Contudo, algumas semanas mais tarde, o governo civil foi deposto por um golpe militar de direita. O método Paulo Freire foi banido e ele próprio foi detido. Após ser libertado da

prisão, Freire foi para o exílio, primeiramente na Bolívia e depois no Chile. Em 1969, enquanto estava lecionando nos Estados Unidos, o livro "Pedagogia do Oprimido" foi publicado e depois traduzido em muitas línguas. Em 1970, Freire foi convidado a integrar o recém-estabelecido Setor de Educação do Conselho Mundial de Igrejas como um consultor em educação popular.

Durante os nove anos em que esteve vinculado ao CMI, Paulo Freire influenciou profundamente a orientação e a metodologia da educação ecumênica; o conceito de "aprendizado ecumênico" foi amplamente beneficiado pelas idéias dele. Freire também foi convidado pelo governo da Guiné Bissau, que havia se tornado independente naquela época, para supervisionar o desenvolvimento e a introdução de um novo sistema educacional, e tornou-se o guia teórico para muitos dos novos movimentos sociais e seus esforços no campo da educação popular. Em 1980, Paulo Freire retornou ao Brasil. onde passou a lecionar na Universidade de Campinas e na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São



Paulo. Por sua proximidade com o Partido dos Trabalhadores (PT), foi nomeado secretário municipal de Educação na cidade de São Paulo, quando o partido venceu as eleições municipais.

Paulo Freire sempre afirmou sua fé cristã. Como membro da Igreja Católica Romana, ele era comprometido com o ecumenismo e teve uma forte influência no desenvolvimento da teologia da libertação na América Latina e em particular na vida das Comunidades Eclesiais de Base. O Conselho Mundial de Igrejas rende graças a Deus pela vida e pela brilhante contribuição de Paulo Freire, não somente para a teoria e prática da educação, mas para o desenvolvimento de formas mais humanizadas da comunidade humana. Ele será lembrado por seus amigos no movimento ecumênico com carinho e respeito.

Konrad Riaser, teólogo luterano alemão, é secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas (CMI).

Agenda

Curso de Ecumenismo

De 9 de junho a 5 de julho, em São Paulo/SP. Promoção: Cesep, com apoio de Conic, Clai, Koinonia, Mofic e Cedra. O avanço da consciência e do movimento em favor da unidade tem marcado a vida das igrejas e cristãos. O curso procura contribuir para o aprofundamento do ideal ecumênico e para a compreensão dos problemas atuais.

Nono Encontro Intereclesial de CEBs

De 15 a 19 de julho, em São Luís/ MA. Promoção: Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. Tema: CEBs — Vida e esperança nas massas.

Curso do Rio

De 18 a 27 de julho, no Rio de Janeiro. Promoção: Iser/Assessoria, Igreja Metodista e Pastoral Bennett. Trata-se do Encontro Ecumênico de Formação Pastoral, que este ano terá como tema "Subjetividade e Compromisso". Pretende discutir temas da Teologia, da Bíblia e compreender melhor os desafios enfrentados pela pastoral popular.

Curso de Inverno

De 24 a 27 de julho, em Porto Alegre/RS. Promoção: Ceca/Cebi-RS/PPL, com apoio das Igrejas Católica, Anglicana, IECLB e Metodista. Tema: Cidadania — Perspectivas para o novo milênio. O curso faz parte do Programa Ecumênico de Formação de Líderes. Inscrições até 10 de junho. Vagas limitadas. Informações: Ceca (tel: 051 568-2548).

XVII Semana de Atualização Teológica

De 24 a 27 de julho, em Vinhedo/SP. Promoção: Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (Cebep). O tema será "Culto-Arte". Inscrições e informações: Cebep (019 241-1459).